



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

QUATRO MORADIAS, O INTERIOR DE UM QUARTEIRÃO O NÚCLEO FUNCIONAL COMO ORGANIZADOR DO ESPAÇO DOMÉSTICO

João André Martins Samina

Mestrado Integrado em Arquitectura com especialização em Arquitectura

Orientador Científico: Professor Nuno Miguel Feio Ribeiro Mateus

Co-Orientador: Professor Michel Toussaint Alves Pereira

Júri:

Presidente: Doutor Jorge Manuel Fava Spencer

Vogais: Arquitecto Fernando Salvador

Especialista Arquitecto Nuno Miguel Feio Ribeiro Mateus

Doutor Michel Toussaint Alves Pereira

Lisboa, FAUTL Março 2013

AGRADECIMENTOS

Ao professor Nuno Mateus.

Ao professor Michel Toussaint.

À Família.

Aos Grandes Amigos.

À Cora.

TÍTULO

QUATRO MORADIAS, O INTERIOR DE UM QUARTEIRÃO O NÚCLEO FUNCIONAL COMO ORGANIZADOR DO ESPAÇO DOMÉSTICO

RESUMO

O presente relatório final de projecto tem como objecto de estudo a habitação unifamiliar em contexto urbano, assente numa metodologia de trabalho que procura possibilidades na organização do espaço doméstico a partir da constituição um núcleo funcional no centro da casa. Este estudo advém de uma primeira abordagem ao projecto, à escala da cidade, onde se procurou estudar o papel do espaço público nas relações sociais e na relação do Homem com a própria Cidade.

Neste sentido, o trabalho desenvolve-se a duas escalas. Uma proposta a nível urbano, que propõe contrariar o fenómeno do *urban sprawl*, o consequente abandono dos centros urbanos e a multi-polarização das actividades do quotidiano. Propõe-se repensar a cidade contemporânea no sentido de trazer de novo o Homem aos centros urbanos, qualificando o espaço público e conferindo-lhe características capazes de estimular as relações sociais e a harmonia entre o Homem e a Cidade.

Num segundo momento, é apresentada uma proposta para quatro moradias unifamiliares localizadas no contexto urbano anteriormente proposto. O trabalho aborda o tema do núcleo funcional, e a consequente continuidade espacial como argumento para uma *promenade architecturale*, no sentido de apurar as suas potencialidades na organização do espaço doméstico contemporâneo.

Palavras-chave: cidade, espaço público, casa, habitação unifamiliar, núcleo, continuidade espacial

TITLE

FOUR VILLAS, THE INTERIOR OF A BLOCK THE FUNCTIONAL CORE AS THE ORGANIZER OF DOMESTIC SPACE

ABSTRACT

This final project report is focused on the study of single family housing in the urban context. It is based on a methodology that seeks domestic space arrangement possibilities from the constitution of a functional core in its centre. This study stems from a successive approach to the project, starting from the scale of the city, where one sought to study not only the role of public space in social relations, as well as the relationship between Man and the City itself.

In this regard, the work is developed in two scales. First, a proposal at the urban scale, which aims to counter the phenomenon known as urban sprawl, the consequent abandonment of urban centres and multi-polarization of daily life activities. It is proposed to rethink the contemporary city in order to contradict this circumstance, qualifying public space and giving it characteristics that can boost social relations and harmony between Man and the City.

The second, an approximation to the site, we present a proposal for four single family houses located in the urban context previously developed. The paper addresses the issue of the functional core, and the resulting spatial continuity as an argument for a *promenade architecturale*, to ascertain its potential in the organization of contemporary domestic space.

Key-words: city, public space, house, single family housing, core, special continuity

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
ESTADO DA ARTE	3
CAPÍTULO 1 A CIDADE	6
1.1 ENQUADRAMENTO	7
1.2 O ESPAÇO PÚBLICO	10
1.2.1 O PERCURSO PARA O PEÃO	14
1.2.2 A PRAÇA	15
1.2.3 O CLUSTER – ESPAÇO PÚBLICO DE INTIMIDADE	16
1.3 TRABALHO EXPERIMENTAL – PROPOSTA URBANA	19
CAPÍTULO 2 A CASA	27
2.1 VALOR FUNDAMENTAL	28
2.2 A ABERTURA DA CASA PARA O EXTERIOR	31
2.3 NÚCLEO FUNCIONAL	33
2.3.1 A ESCADA	35
2.3.2 CONTINUIDADE ESPACIAL E O ESPAÇO COMO	
ARGUMENTO	37
2.3.3 CASO DE ESTUDO	42
2.4 TRABALHO EXPERIMENTAL – QUARTO MORADIAS URBANAS	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
BIBLIOGRAFIA	57
ANEXOS	59

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objecto central de estudo o núcleo funcional na moradia urbana unifamiliar. Este tema é explorado e trabalhado num contexto urbano específico, o qual é necessário conhecer, e compreender a importância e influência que o espaço público tem na vida dos seus habitantes.

Esta dissertação surge directamente ligada àquilo que foram as opções e os caminhos seguidos no desenvolvimento do trabalho realizado na unidade pedagógica de projecto, onde se procurou, utilizar esta reflexão como motor na resolução tanto do espaço urbano, como na exploração de diferentes formas de habitar a casa contemporânea.

O objectivo deste trabalho, mais do que encontrar respostas absolutas, é levantar questões sobre aquilo que são as necessidades do Homem contemporâneo no que diz respeito ao espaço doméstico. Consequentemente, procura-se perceber e testar aquilo que são as potencialidades espaciais que um núcleo funcional oferece como ferramenta no projecto doméstico, inserido num contexto urbano tão específico – o interior do quarteirão subjacente ao antigo convento do Desterro, em Lisboa.

No que diz respeito à metodologia, este trabalho divide-se em dois capítulos de cariz teórico, que apoiam e fundamentam o trabalho projectual desenvolvido a duas escalas, uma proposta à escala urbana e uma proposta a uma escala menor, para um conjunto de quatro moradias urbanas inseridas numa das unidades da primeira proposta. Cada capítulo desta dissertação apresenta um estudo teórico sobre aquilo que foram os caminhos percorridos no projecto experimental e consequentemente a aplicação no contexto prático dos conceitos estudados.

Assim, o primeiro capítulo, pretende contextualizar o trabalho prático na Cidade, e compreender as relações que o Homem estabelece com o espaço público. Procura-se desenhar a vida na cidade e a sua articulação com a casa. Para tal, este capítulo procura uma reflexão sobre o espaço público segundo três conceitos tidos como método de trabalho - o percurso para peões, a praça e o *cluster* - e apresentar propostas que desafiam o seu entendimento comum e procuram novos

limites e possibilidades no desenho da cidade contemporânea.

O segundo capítulo é uma abordagem ao espaço doméstico – no caso, a habitação unifamiliar – como lugar particular do pensamento de projecto. Numa primeira fase, pretende-se apresentar a Casa como elemento primordial a qualquer experiência de habitar. No seguimento, este estudo é enquadrado na ideia de que o espaço doméstico é parte de um sistema de relações entre a cidade e a casa, e como tal, o espaço da casa não é apenas um espaço fechado sobre si mesmo e estabelece relações directas e/ou indirectas com o exterior. Será ainda feita, neste segundo capítulo, uma abordagem ao tema principal deste trabalho: o núcleo funcional no contexto da habitação unifamiliar, como elemento central na casa, que alberga serviços e funções e que permite o desenvolvimento da ideia de continuidade espacial assente no espaço como argumento de uma *promenade architecturale*.

Para finalizar, é importante referir que os estudos teóricos desenvolvidos nos capítulos anteriormente referidos, são acompanhados pela sua exploração e aplicação na prática do trabalho realizado na unidade pedagógica de projecto. Esta dissertação não pretende ser apenas uma reflexão teórica mas também, uma fundamentação e um apoio daquilo que foram as experiências e propostas desenvolvidas paralelamente na prática do projecto.

ESTADO DA ARTE

A bibliografia analisada para a realização deste relatório poderá ser dividida, tal como o corpo deste trabalho, em dois grandes grupos, sendo o segundo, aquele ao qual se dedicou a maior parte da pesquisa teórica realizada.

Numa primeira parte, a obra intitulada "*La Humanización del Espacio Urbano*", da autoria de Jan Gehl (1936-...), fala-nos de vários aspectos interessantes sobre a importância do espaço público e o seu papel nas relações sociais. O autor faz-nos referência a diferentes níveis de humanização do espaço público e categoriza as actividades exteriores em três tipos diferentes, actividades necessárias, opcionais e sociais. Outra ideia importante trazida por este autor diz respeito à relação próxima que existe entre a qualidade do espaço público e o tipo e a frequência das actividades sociais que nele têm lugar, sendo necessário dota-los de determinadas condições que permitam alcançar o seu potencial máximo de apropriação. Outro aspecto relevante referido por Jan Gehl é o facto deste apontar o desenho espontâneo das cidades medievais como referência para as cidades de hoje. O autor defende que esse modelo de cidade, desenhada para o peão e na qual a vida tem lugar a pé, é aspecto fundamental na criação de condições para uma melhor vida em sociedade.

Para o segundo capítulo, que trata o espaço da casa, foi analisado outro conjunto de autores na busca de uma melhor compreensão e fundamentação dos conceitos pretendidos para o espaço doméstico no decorrer do projecto.

Para desenvolver as questões relativas ao valor fundamental da Casa foram analisadas, numa primeira fase, a obra "*A Ideia Construída*", de Alberto Campo Baeza e a obra "*Futuro Primitivo*" de Sou Fugimoto. Procurou-se com estas obras conjugar diferentes ideias sobre o que será o habitar contemporâneo, e quais serão as valências na estruturação o espaço doméstico como lugar que pode ser habitado de forma livre e espontânea, permitindo diversas apropriações. No livro "*A Poética do Espaço*", Gaston Bachelard aborda a casa do ponto de vista fenomenológico, colocando a casa numa posição de extrema importância na existência do Homem, seja na criação de memórias como na sua função de protecção.

Rui Jorge Garcia Ramos apresenta uma obra da maior importância no desenvolvimento deste trabalho, na medida em que aborda as transformações da casa e do espaço doméstico ao longo da primeira metade do século XX, naquele que foi o período onde podemos observar as maiores mudanças no pensamento do projecto doméstico. Nessa extensa obra, serão de destacar, no âmbito deste trabalho, temas abordados pelo autor como a relação da casa com o espaço exterior, a ocupação do seu espaço central por um núcleo funcional e o dispositivo de circulação - escada - a ele associado e a continuidade espacial, que confere ao espaço a legitimidade de ser ele mesmo argumento do seu próprio desenho.

Por último, pretende-se apresentar um caso de estudo que se revelou determinante para as problemáticas contidas neste trabalho. A obra de Le Corbusier (1887-1965) caracteriza-se por corporizar uma mudança de paradigma no projecto doméstico. Será abordado o projecto Maison de M. X. (Maison Caneel), que mesmo não sendo um projecto construído serviu, entre outros, como exemplo prático da exploração e aplicação dos vários conceitos estudados neste trabalho.

CAPÍTULO 1

A CIDADE

1.1 ENQUADRAMENTO

Nos dias de hoje, a crise ecológica evidente pelo qual o planeta atravessa vem alterar a nossa visão sobre a ideia de progresso. Com a revolução industrial e o abandono quase total das tradições agrícolas, Portugal sofreu enormes transformações no seu território. O interior do país foi trocado pela grande maioria pelo litoral. Em torno das cidades, as periferias foram crescendo sem critério.

Na segunda metade do século XX, as cidades sofrem uma dispersão territorial (*urban sprawl*) que veio influenciar directamente a qualidade de vida urbana. Os centros históricos são abandonados e a dificuldade do planeamento e desenho do crescimento da cidade aumenta. O resultado são periferias extensas, num urbanismo sem desenho e insustentável. As consequências destes factores têm tido um impacto directo e imediato no quotidiano dos seus habitantes. A falta de tempo, o empobrecimento económico e o aumento progressivo da poluição são exemplo disso e levam-nos a considerar uma perda na qualidade de vida, evidente nos dias de hoje.

Perante isto, e deitadas por terra as teorias urbanísticas da segregação funcional, propõe-se um retorno à cidade, numa lógica de recompactação e densificação urbana. Procuram-se novas soluções onde seja de novo possível trabalhar, habitar e recrear-se num mesmo sector urbano, repensando uma reutilização optimizada dos espaços existentes.

Entendendo as nossas cidades como um palimpsesto de camadas de tempo, história e múltiplas formas de habitar, Lisboa é o perfeito exemplo disso. A área de projecto do trabalho experimental situa-se numa das colinas da cidade histórica: a colina de Sant'ana (fig. 1, fig. 2).

Situada entre os dois vales mais centrais da cidade de Lisboa - o vale da avenida da Liberdade e o da avenida Almirante Reis - a colina do Campo de Sant'ana apresenta uma das grandes oportunidades que se colocam à cidade de hoje, com a desactivação das unidades hospitalares instaladas nos antigos conventos ali fixados. Os hospitais de São José, Desterro, Santo António dos Capuchos, Santa Marta e Miguel Bombarda, dão corpo a um vasto património da

medicina e saúde do nosso país, naquela que um dia foi a "colina dos conventos" e mais tarde a "colina dos hospitais e da saúde". Este processo, levou a uma transformação e adaptação constantes das estruturas conventuais. Um processo ininterrupto, que mesmo correspondendo à ideia de cidade como organismo vivo e em constante mudança, esqueceu por vezes a preservação do património arquitectónico que estes conventos representam.

Neste trabalho, a área de intervenção de projecto é então o antigo hospital do Desterro actualmente desactivado, e o quarteirão onde este está inserido (fig. 3). A proposta prevê uma abordagem crítica perante esta problemática e oportunidade, tentando trazer de novo o território do antigo convento e hospital do Desterro ao tecido da cidade de Lisboa.



Fig. 1 – Localização - Lisboa



Fig. 2 – Localização – Colina de Sant'ana



Fig. 3 – Localização – Quarteirão do antigo convento do Desterro

1.2 O ESPAÇO PÚBLICO

Na elaboração de uma proposta de plano urbano que prevê colocar de novo na cidade o quarteirão subjacente ao antigo convento do Desterro, torna-se preponderante compreender o importante papel que o espaço público tem na relação que os seus habitantes estabelecem entre si.

Assim, propõe-se uma reflexão sobre a importância do espaço público como motor das relações sociais. O espaço público procura que os Homens estabeleçam relações entre si e com o próprio espaço. Neste contexto analisamos a abordagem feita por Jan Gehl sobre os diferentes níveis de humanização do espaço público para entender a sua importância nas mais diversas relações sociais. Tratando-se de um autor de origem nórdica, este apresenta-nos uma visão sobre a apropriação do espaço certamente diferente daquela a que se assiste na realidade portuguesa, e como tal este estudo recorrerá a outras referências para uma melhor interpretação comparativa. No seu livro *“La Humanización del Espacio Urbano”*, Gehl categoriza as actividades exteriores em três tipos: actividades necessárias, opcionais e sociais¹. As actividades necessárias estão ligadas à acção de caminhar, aquelas ao qual nos é praticamente inevitável que participemos, tais como ir de casa para o local de trabalho ou vice-versa. Na realidade portuguesa, este tipo de actividade é comumente associada à utilização dos meios de transporte particulares – o automóvel – em detrimento da interacção social resultante do caminhar ou da utilização dos transportes públicos, acentuando o isolamento do indivíduo.

No que diz respeito às actividades opcionais, estas estão para Gehl estas estão relacionadas com o desejo do Homem fazer algo e directamente dependentes das condições físicas dos espaços exteriores. Neste sentido, ao projectar um espaço público é importante que este seja pensado como um lugar dirigido e pensado como estimulante à sua utilização.

Por último, as actividades sociais, são aquelas que dependem da interacção entre pessoas, incluindo actividades comunitárias ou simples contactos passivos

¹ GEHL, Jan (2003) - *La humanización del Espacio Urbano; la vida social entre los edificios*; trad. da 5a edição inglesa por María Teresa Valcarce, Editorial Reverté, Barcelona, 2006, p. 17

como ver e ouvir outras pessoas. Estas, segundo o autor, podem também ser convocadas a partir de actividades resultantes, por poderem derivar das categorias mencionadas anteriormente. Estas actividades são exercidas de forma espontânea como consequência directa da simples apropriação do espaço por parte do Homem. Esta categoria está directamente relacionada com as condições físicas do espaço público. Um espaço público com condições especificamente pensadas nesse sentido, levará a que, de maneira directa ou indirecta este tipo de contacto social se dê com mais frequência.

Torna-se evidente a relação existente entre a qualidade dos espaços públicos e as actividades que neles se desenrolam. Um bom lugar na cidade torna possível uma grande variedade de actividades humanas. Na cidade de Lisboa, podemos tomar como exemplo o miradouro/jardim de São Pedro de Alcântara, onde naturalmente se promovem vários tipos de actividades humanas ao longo do dia.



Fig. 4 e Fig. 5 - Miradouro São Pedro de Alcântara – Lisboa

Jan Gehl aborda ainda o pensamento sobre a vida no espaço entre edifícios. As cidades medievais são, para o autor, uma importante referência para as cidades de hoje. São cidades compactas, espontâneas, desenhadas para o peão e que tornam extraordinárias as condições para uma melhor vida em sociedade, resultado de experiência acumulada, de adaptação e ajustes contínuos do ambiente físico às suas funções². É de realçar também a imagem que Gehl transmite das cidades ou conjuntos urbanos de dimensões modestas, onde é possível que as pessoas que por ela deambulam se conheçam com uma intensidade considerável, permitindo

² GEHL, Jan (2003) - La humanización del Espacio Urbano; la vida social entre los edificios; trad. da 5ª edição inglesa por María Teresa Valcarce, Editorial Reverté, Barcelona, 2006, p. 49

uma percepção destes espaços como íntimos, quentes e pessoais³.

O potencial do espaço público deve ser explorado na relação que o Homem estabelece com a Cidade, permitindo a procura de harmonia para uma melhor vida em sociedade. Pretende-se assim, analisar a importância do desenho do espaço público e na forma como este deverá suscitar o convívio entre vizinhos bem como nas relações de troca e partilha por parte de quem o apropria, hierarquizando diferentes níveis de privacidade desde a cidade orientada pelo movimento rápido do automóvel até à chegada a pé à porta de casa. A gradação do espaço público em diferentes níveis de privacidade, velocidade ou intimidade são lugares onde nos são abertas grandes possibilidades arquitectónicas.

*"A vida entre edifícios oferece a oportunidade de estar com outros de uma modo relaxado e cómodo. (...) Não estamos necessariamente com uma pessoa determinada mas, não obstante, estamos com outros"*⁴

Segundo a afirmação anterior, o autor Jan Gehl mostra-nos a importância da existência de espaços intermédios entre edifícios que propiciem simultaneamente o convívio e a interacção entre os mais diversos indivíduos, procurando promover uma sociedade mais equilibrada e em harmonia com o meio urbano. Mas, a apropriação dos espaços públicos não depende apenas do tipo de vida de uma sociedade ou da falta ou não desses mesmos espaços apropriados às relações entre o Homem e a cidade. Poderá porventura depender também da mentalidade inerente a uma determinada sociedade, que no caso da nossa, actualmente, revela, em certos meios urbanos, uma tendência comportamental que propicia o individualismo e para a solidão. Neste sentido, surge a necessidade de fomentar novamente o convívio comunitário, desde a relação que as crianças criam com os espaços públicos onde brincam e desenvolvem as suas capacidades de descoberta e de interacção social, importantes também na formulação de memórias, até às relações sociais que devem ser continuamente incentivadas nas faixas etárias mais avançadas, de forma a evitar o isolamento e o esquecimento desta camada da sociedade.

³ idem, p 79

⁴ GEHL, Jan (2003) - La humanización del Espacio Urbano; la vida social entre los edificios; trad. da 5a edição inglesa por María Teresa Valcarce, Editorial Reverté, Barcelona, 2006, p. 25

Serão ainda abordados, no contexto do trabalho, três tipologias de espaço público que foram conceptualmente discutidos e definidos e posteriormente utilizados como ferramentas operantes no trabalho experimental desenvolvido. São eles os percursos para peões, as praças e os *clusters*, que serão desenvolvidos mais à frente. O trabalho elaborado sobre estes pressupostos acredita ser a necessidade de organização espacial em diferentes escalas, ambientes e sensações no espaço urbano, que façam a vida do bairro funcionar em harmonia. Um bairro com lugar para diferentes tipos de apropriação pública por diferentes tipos e classes sociais, quebrando a monotonia da deslocação acelerada da cidade contemporânea e procurando também espaços públicos que estimulem e desafiem a intimidade e a vida em comunidade.

1.2.1 O PERCURSO PARA PEÕES

Jan Gehl afirma que a vida tem lugar a pé. Defende ainda que todas as actividades sociais significativas e as experiências intensas acontecem quando as pessoas estão a pé, sentadas, deitadas ou a caminhar⁵. Esta dinâmica pedonal, segundo o autor, está relacionada com as baixas velocidades, as dimensões pequenas e os detalhes. Ela, é motor de novos acontecimentos e novas partilhas sociais que estimulam o outro a participar activamente como cidadão.

*"Caminhos para peões: é a rede de caminhos para peões que transforma a cidade numa estrutura transitável, ligando os diversos locais por meio de degraus, pontes, pavimentos com padrões distintos, ou por quaisquer outros elementos de conexão que permitam manter a continuidade e acessibilidade. Enquanto as vias motorizadas são fluidas e impessoais, os caminhos para peões, insinuantes e ágeis, conferem à cidade a sua dimensão humana, umas vezes são temerários (ousados) e extrovertidos, acompanhando os principais eixos rodoviários e as zonas comerciais, outras, recatados e tortuosos; mas, de qualquer forma, devem formar um todo coeso."*⁶

Na obra *"Paisagem Urbana"* de Gordon Cullen, encontramos esta definição de caminhos para peões, que aponta vários factores que ajudam a caracterizar o que se pretende compreender neste trabalho por percurso.

Entendemos que o percurso pode ser caracterizado a partir de três valências essenciais: pragmáticas, poéticas e estéticas. Do ponto de vista pragmático, observamos o percurso no seu carácter funcional, o percurso que nos leva de um lugar para outro, que liga espaços e que nos permite aceder ao local onde pretendemos chegar.

Sob o ponto de vista poético, o percurso no seu trajecto de um lugar para outro, pode adquirir diversas características. Pode ser mais ou menos sinuoso, pode

⁵ GEHL, Jan (2003) - La humanización del Espacio Urbano; la vida social entre los edificios; trad. da 5a edição inglesa por María Teresa Valcarce, Editorial Reverté, Barcelona, 2006, p. 81 e 82

⁶ CULLEN, Gordon (1971) - Paisagem Urbana; trad. Isabel Correia e Carlos de Macedo Arquitectura e Urbanismo, Edições 70, Lisboa, 2008, p. 56

levar-nos de maneira mais ou menos directa ao um determinado local, pode ser confuso ou até extremamente claro e objectivo. Acreditamos que um percurso pode ter características que conferem uma poética ao espaço, e que mais do que um meio de acesso, podem proporcionar ao peão uma experiência espacial estimulante no percorrer da cidade.

Por último, o percurso pode adquirir características estéticas que o caracterizam e que influenciam e complementam os aspectos referidos anteriormente. A sua forma, como os seus materiais, fazem parte da poética do espaço e evidenciam o seu aspecto funcional, e tipo o de actividade social propícia para aquele lugar.

Neste contexto, pretende-se que os percursos pedonais promovam, para além de deslocações rápidas entre lugares, ao mesmo tempo estimulem o conhecimento de momentos diferentes no cenário urbano, tendo sempre em mente o conforto do peão.



Fig. 6 e Fig. 7 – Percurso pela encosta de São Estevão em Alfama, passando pelo largo e pela igreja de Santo Estêvão

1.2.2 A PRAÇA

O conceito de praça remonta á cidade grega da Antiguidade clássica, na época chamada Ágora. Era o lugar onde se encontrava a população para ouvir as declarações políticas, onde tinham lugar as trocas mercantis e até mesmo as manifestações públicas festivas. Mais tarde, o conceito evolui para o fórum Romano. O carácter era o mesmo mas agora este espaço surgia associado a edifícios singulares e representantes do poder político vigente.



Fig. 8 – Praça do Comércio, Lisboa

Ao longo da história, a praça manteve o seu papel de lugar de reunião social, sempre associada, de acordo com a época, a edifícios importantes na estrutura urbana da cidade (igrejas, habitações senhoriais, edifícios ligados ao poder político, etc). No Renascimento, a praça atinge um dos seus apogeuos, tanto a sua localização e posicionamento na estrutura urbana da cidade, como o seu desenho advém de intenções programadas e sempre ligadas ao poder autoritário vigente.

No contexto deste trabalho, entendemos que ainda hoje, a praça é um espaço público programado e intencional. Um lugar de encontro e permanência da população. Lugar para práticas e manifestações sociais dos mais variados tipos. Assim, a praça propõe-se como um espaço de luz, tectónico, rígido e seco, de uma geometria regular e aberta à Cidade, reconhecível por todos e ponto de referência para todos. A praça é então um espaço de significado colectivo, de movimentos e relações sociais constantes.

1.2.3 O CLUSTER – LUGAR PÚBLICO DE INTIMIDADE

O *cluster* foi introduzido no trabalho experimental como motivo de reflexão para o que pode ser um espaço público de intimidade e de algum isolamento tranquilo na cidade contemporânea. Trata-se aqui de um espaço urbano poroso e verde, que nos surge geralmente na cidade de forma natural e algo inesperada e que funciona como alternativa ou refúgio em relação a outros espaços e artérias mais públicas e movimentadas da cidade. É uma tipologia espacial mais comum na cidade antiga

gerado espontaneamente pela necessidade e desejo de um espaço de transição da casa com a rua, que o planeamento do traçado urbano contemporâneo não teve em conta, e que em Lisboa podemos identificar com mais frequência no que resta dos traçados medievais (como por exemplo o bairro de Alfama – fig. 9 e fig. 10). No contexto deste trabalho, o *cluster* apresenta-se-nos como uma unidade urbana capaz de criar lugares de descoberta e intimidade na cidade.

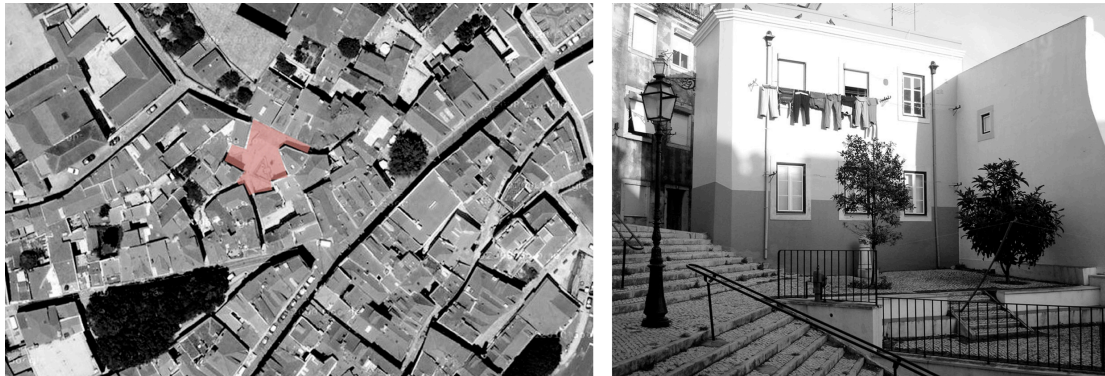


Fig. 9 e Fig. 10 – Alfama, Lisboa

Em 1956, o termo *cluster* foi introduzido no CIAM 10 quando era proposto compreender os novos padrões de associação humana da época.

*"cada forma específica de habitar tem de ser criada para cada situação particular. A palavra Cluster refere-se a um padrão de associação específico (...). Qualquer tipo de associação representa um cluster."*⁷

Considerando que a dispersão da cidade moderna ao separar as diferentes esferas da vida diária representava uma prática que não criava as relações necessárias entre as pessoas, o lugar, e o sentido de intimidade, este termo - *Cluster* - surge enquanto realidade de associação urbana e representava uma tentativa de compreender o que era necessário para a consolidação de uma comunidade num lugar particular.

Gordon Cullen apresenta-nos o conceito de recinto que em muito tem de semelhante com a ideia subjacente neste trabalho para o conceito de *Cluster*. O autor descreve-nos um recinto como *a unidade base de certa morfologia urbana* que separa o peão dos veículos, o autor continua (...) *no interior, o sossego e a*

⁷ SMITHSON, Alison Margaret; SMITHSON, Peter, *The Charged Void: Urbanism*, New York: Monacelli Press, 2005

*tranquilidade de sentir que o largo, a praça, ou o pátio têm escala humana*⁸. Esta escala Humana faz o Homem sentir-se íntimo na Cidade, e confere a estes espaços uma atmosfera de interioridade cordial⁹.

Em oposição ao termo de praça desenvolvido anteriormente, o *Cluster* apresenta-se como um espaço de geometria menos definida e facilmente apreensível, um lugar onde o espaço natural e a intimidade seriam privilegiados e a luz filtrada dando origem a recantos de sombra. Ao contrário de uma praça, claramente reconhecível e espaço de referência de todos, o *cluster* assenta as suas características no facto de não ser evidente, de ser apenas possível a sua descoberta através de percursos pedonais, que implicam o Homem a pé com a cidade e os tornam mais íntimos, usufruindo destes espaços disponíveis para todos mas apenas vividos pelos que decidem estabelecer essas relações de vivência.

Importa referir, que mesmo como espaços de intimidade e de algum isolamento, os *clusters* pretendem-se espaços urbanos de encontro e partilha social, criadores de um sentido de proximidade doméstica onde simultaneamente nos sentimos num espaço urbano e em contacto com a vivência das pessoas que o habitam. Essa vivência está intimamente ligada à comunidade que os conforma e à casa.

⁸ CULLEN, Gordon (1971) - Paisagem Urbana; trad. Isabel Correia e Carlos de Macedo Arquitectura e Urbanismo, Edições 70, Lisboa, 2008, p. 27

⁹ *idem*, p. 71

1.3 TRABALHO EXPERIMENTAL – PROPOSTA URBANA

Como referido anteriormente, a zona proposta para se levar a cabo o trabalho experimental foi o antigo hospital e convento do Desterro e o quarteirão onde se situa, num terreno enquadrado na colina de Sant'ana, junto à avenida Almirante Reis (fig. 11).

Pretende-se atribuir uma nova vida a este quarteirão e ao antigo convento do Desterro. Uma estrutura conventual cuja a construção nunca foi concluída na sua totalidade e que ao longo da história tem sofrido diversas intervenções descuidadas, nomeadamente pela engenharia hospitalar.

Neste momento, o quarteirão, para além do antigo convento da Nossa Senhora do Desterro, é caracterizado pelos vários edifícios habitacionais que formam as suas periferias. No seu interior existem apenas alguns logradouros associados a esses edifícios e o que resta das antigas olarias características em tempos do local.

Assim, o intuito do presente projecto urbano será propor a revitalização sustentada deste quarteirão e do convento do Desterro, desenvolvendo um modelo de cidade compacta, de alta densidade e multiplicidade de usos, construída a partir de uma ideia capaz de gerar espaço público diferenciado e de qualidade. Neste contexto, será levado a cabo um método que pretende desenhar um espaço de cidade dotado de vida e que seja capaz de relacionar diferentes escalas e dinâmicas próprias da cidade dos nossos dias.

Este método para a construção do plano urbano proposto, tem como base a inversão da importância conceptual entre edificado e espaço público e coloca a vida na cidade e o percurso do seu utilizador como principais catalisadores do desenho dos espaços da cidade.

Como primeiro passo desse método, entendemos que a cidade terá uma cêrcea homogênea, democrática, estabelecida, neste caso, à cota 48 (cêrcea máxima do convento do Desterro) definindo um polígono habitável (fig. 11) que preenche teoricamente a totalidade da área do quarteirão. A partir daí, é introduzido o espaço público nas suas valências, removendo progressivamente a massa edificável,

espacializando a cidade.

Neste sentido, são propostas as três tipologias de espaço público apresentadas anteriormente neste capítulo - o percurso para peões (fig. 12), a praça (fig. 13) e o *cluster* (fig. 14) - como ferramentas para desenhar o espaço urbano deste quarteirão. Cada uma destas tipologias apresenta características espaciais distintas dos restantes. As suas formas e dimensões estão directamente ligadas ao tipo de experiência espacial que lhe está associado, sendo este o seu único condicionador formal.

No entanto, este método não pretende criar uma ruptura com a história do lugar substituindo-o por um tecido urbano inteiramente novo. A proposta contempla a manutenção das edificações que fazem parte do convento do Desterro e dos edifícios pré-existentes, que apresentam características simbólicas e bom estado de conservação actual. Pretende-se assim, estabelecer uma articulação entre o novo e o antigo, diluindo os seus limites, num processo de enriquecimento da cidade.

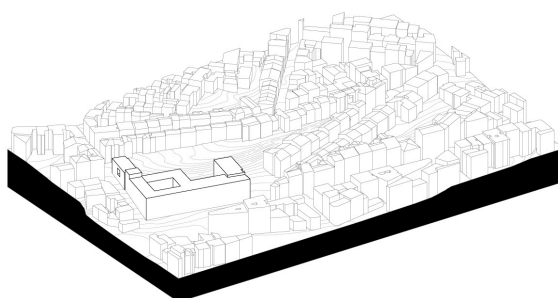


Fig. 11 – Área de intervenção – Quarteirão do antigo convento do Desterro

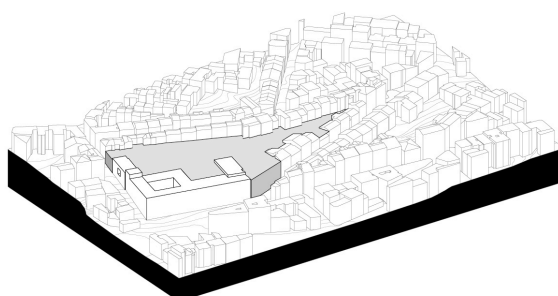


Fig. 12 – Polígono habitável – cota 48

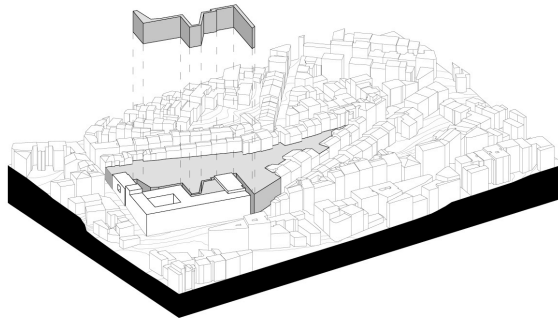


Fig. 13 – Percurso para o peão

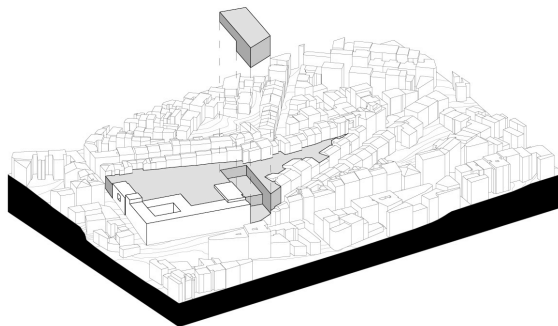


Fig. 14 – Praça

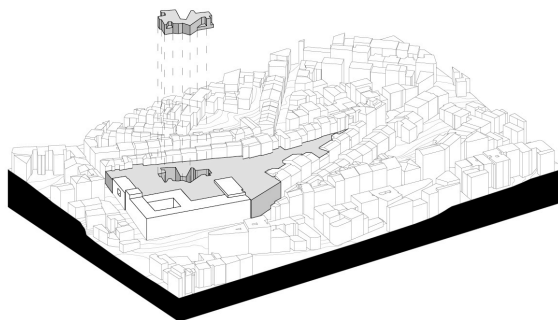


Fig. 15 - Cluster

O PERCURSO PARA PEÕES, A PRAÇA E O CLUSTER

A proposta urbana para este lugar parte de um primeiro objectivo de devolver este quarteirão ao tecido urbano da cidade, tornando possível e estimulante o seu atravessamento e principalmente o visitar de um novo conjunto de espaços públicos que passam a fazer parte da cidade, acessíveis a qualquer habitante.

Tal objectivo passava por propor um novo caminho que atravessa o interior do quarteirão e que conecta dois pontos importantes deste território: a sul, a Rua Nova do Desterro e a nordeste a Rua Antero de Quental.

Este atravessamento, funciona como um grande percurso que visita o interior do quarteirão, de um lado descobrindo o antigo convento do Desterro e de outro o edificado proposto neste trabalho. Estaríamos então a caminhar na fronteira entre o antigo e o contemporâneo.

Para além de ligar as duas ruas referidas anteriormente, este percurso vai conectando vários lugares onde o espaço público adquire diferentes características, consoante a sua localização e vontade.

No acesso ao quarteirão pela Rua Nova do Desterro, o percurso tem início num pórtico, que fora em tempos a frontaria da antiga igreja do convento. Este pórtico está orientado a sul, na direcção de outro convento da colina de Sant'ana, o actual hospital de São José.

Ultrapassado o pórtico, encontramos um largo na chegada ao interior do quarteirão, que divide a possibilidade de seguir caminho por três percursos diferentes. Um deles, mais próximo do convento, e na direcção do acesso à Rua Antero de Quental, os outros dois, ao encontro do cluster.

O cluster situa-se no miolo do quarteirão, e pretende-se um lugar público de intimidade. Propõe-se que este espaço seja dotado de uma atmosfera de intimidade que permita uma interacção social de maior intensidade. Aqui, o homem pode encontrar alguma calma e interioridade, longe dos movimentos acelerados de outros lugares da cidade. Rodeado de um programa, que se prevê na sua maioria, habitacional, este espaço é o centro de um pequeno novo bairro que se propõe, e que quer trazer de novo à cidade a harmonia da vida em comunidade. Um aspecto

importante na sua definição como espaço de algum resguardo, é o facto de não ser obrigatório passar por ele no percorrer deste percurso pelo quarteirão. Visitar este espaço, será fruto da vontade e da curiosidade de cada um em percorrer certos caminhos.

Seguindo este grande percurso pelo quarteirão do convento do Desterro, deparamo-nos com um outro espaço que outrora teria intenções de ser mais um claustro na lógica conventual que construía as suas alas em torno de vários espaços exteriores. Aqui, propõe-se manter a memória do lugar e deixar o espaço livre de construção do nível de acesso ao convento para cima. O edifício proposto para este lugar surge então enterrado, associado ao convento e a um espaço exterior verde que olha sob o que seria um grande claustro.

No acesso do quarteirão à Rua Antero de Quental, no final, ou no início, do percurso pelo interior deste quarteirão, é proposta uma escadaria que faz o acesso da rua a uma praça elevada. Um espaço tectónico e rígido, de geometria regular e aberto para a cidade. Aqui, a praça pretende-se como lugar de luz, de encontro e de fácil reconhecimento por todos. Nesse sentido, ela apresenta-se na proximidade da via mais movimentada que contorna o quarteirão - a Avenida Almirante Reis - olhando sobre um dos limites da colina de Sant'ana.

Este percurso que vai visitando os diferentes espaços públicos descritos, pretende relacionar dinâmicas pedonais que procuram uma adaptação aos novos modos de vida que se desenvolvem nestas zonas, em grande parte, esquecidas da cidade, como são o interior dos quarteirões.



ESC. 1:500 00

Fig. 16 – Planta de Implantação – Proposta Urbana

CAPÍTULO 2

A CASA

3.1 VALOR FUNDAMENTAL

"Através das lembranças de todas as casas em que encontramos abrigo, além de todas as casas que sonhamos habitar, é possível isolar a essência íntima e concreta que seja uma justificação do valor singular de todas as nossas imagens de intimidade protegida?"¹⁰

No exercício de projectar uma habitação, pensar os espaços da casa é, neste trabalho, o objectivo final. Assim, torna-se necessário compreendê-la enquanto conceito primordial, compreender o seu valor fundamental, inerente a todo o Ser Humano, assim como a toda a produção arquitectónica.

Alberto Campo Baeza acredita na ideia de que caverna, foi para o Homem primitivo o primeiro refúgio. Foi o espaço encontrado pela sua necessidade para se proteger da chuva, do frio e para se defender dos outros animais irracionais. Mais tarde, o Homem pensou que podia construir o tectónico¹¹, e já como ser racional, embora inconscientemente, tomou a liberdade de decidir o lugar onde se estabelecer e a forma - pela mais primitiva arquitectura - da sua cabana. No seguimento desta evolução, o Homem torna-se um ser culto e criador, capaz de conceber a Casa para além de um refúgio ou de uma zona de defesa, mas como morada para habitar¹².

"todo o espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa."¹³

A habitabilidade é uma qualidade inerente à Casa, que é, tal como afirma Bachelard, indispensável a qualquer obra de arquitectura.

Numa visão metafórica, Sou Fugimoto apresenta-nos uma comparação entre o ninho e a cova. O ninho é um sítio meramente funcional, que procura acolher e é

¹⁰ BACHELARD, Gaston (1989) - A poética do Espaço; trad. António de Pádua Danesi; Martins Fontes, São Paulo, 2003, p. 23

¹¹ BAEZA, Alberto Campo - A Ideia Construída; 2a edição, trad. Anabela Costa e Silva, Edição Caleidoscópio, 2008, p. 59

¹² idem, p. 60

¹³ BACHELARD, Gaston (1989) - A poética do Espaço; trad. António de Pádua Danesi; Martins Fontes, São Paulo, 2003, p. 25

feito para ser habitado. Por outro lado, a cova surge-nos de forma natural, resultado de acidentes geográficos que não tiveram em conta factores que permitam o seu acolhimento. Estamos perante um sítio feito para as pessoas e um outro que existe antes mesmo das pessoas, às quais é alheio. No entanto, para o autor, essa cova evoca o Homem a explorar as potencialidades de apropriação dos diferentes espaços que oferece. Algo que se habita de forma natural. Por isso, falar de cova - ou caverna - não implica que o seu aspecto exterior seja o de uma cova, senão que essa qualidade de cova possa imaginar-se como uma *forma pura* a que Sou Fugimoto chamou de *caverna transparente*¹⁴.

Alberto Campo Baeza e Sou Fugimoto apresentam aparentemente opiniões divergentes. Por um lado Campo Baeza pensa a Casa como algo racional, construído para habitar, aquilo a que Sou Fugimoto chama de ninho. Por outro, temos a Casa como espaços que devem propiciar a descoberta e apropriações diferentes. Aquela a que Sou Fugimoto chamou de caverna artificial e na qual acredita estarem as possibilidades da arquitectura do futuro.

*"as casas com que alguns de nós sonhamos e que queremos tornar realidade, (...) serão espaços livres, amplos, cheios de luz. (...) Serão casas perfeitas. Pensadas para pensar, conversar, amar, habitar, viver. Como o céu na terra."*¹⁵

Alberto Campo Baeza expõe três conceitos que, no entanto, complementam a noção de espaço habitado como caverna defendido por Sou Fugimoto. São eles: a liberdade, a dimensão e a proporção. Liberdade, conferindo ao espaço uma geometria simples e elementar, de fácil reconhecimento e possível de abrigar diferentes tipos de vida; dimensão, entendendo que *uma dimensão maior é um luxo irrepetível, mas alcançável*¹⁶; proporção, através da qual a luz faz com que os espaços sejam um prazer para o Homem. O autor entende que a luz é um material imprescindível da arquitectura como elemento essencial a ter em conta no acto de projectar.

¹⁴ FUJIMOTO, Sou - Futuro primitivo in Monografia 2G, Editora Gustavo Gili, Barcelona, 2010, p. 130

¹⁵ BAEZA, Alberto Campo - A Ideia Construída; 2a edição, trad. Anabela Costa e Silva, Edição Caleidoscópio, 2008, p. 64

¹⁶ idem, p. 63

Assim, os dois autores acabam por se complementar, apresentando características que devem traduzir a problemática da casa e conceitos que lhe são inerentes.

Contudo, filósofos como Gaston Bachelard e Julián Santos Guerrero, falam-nos daquilo que para eles funda ou dá fundamento à casa.

*"Ter casa é ter um sítio onde refugiar-se, uma direcção, uma referência onde procurar alguém ou encontrá-lo e encontrar-se. Encontramo-nos em casa, como em casa."*¹⁷

Ambos os autores entendem que para além de um abrigo ou um refúgio, existem valores oníricos subjacentes a uma casa. "Não é somente no presente que reconhecemos os benefícios de uma nova casa. Os verdadeiros bem-estares têm um passado". Assim, a Casa é um lugar de memória. Através da memória, retornam as mais variedades lembranças do passado. Lembranças de protecção. Lembranças através de imagens que nos levam também ao campo dos sonhos.

"Assim, abordando as imagens da casa com o cuidado de não romper a solidariedade entre memória e imaginação, podemos esperar transmitir toda a elasticidade psicológica de uma imagem que nos comove em graus de profundidade insuspeitados. Pelos poemas, talvez mais que pelas lembranças, chegamos ao fundo poético do espaço casa."

*Nessas condições, se nos perguntassem qual o benefício mais precioso da casa, diríamos: a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz."*¹⁸

¹⁷ SANTOS GUERRERO, Julián; TAVARES, Gonçalo; MENDES DA ROCHA, Paulo. Pensar a Casa, Matosinhos, Casa da Arquitectura, 2011, p. 17

¹⁸ BACHELARD, Gaston (1989) - A poética do Espaço; trad. António de Pádua Danesi; Martins Fontes, São Paulo, 2003, p. 26

3.2 ABERTURA DA CASA PARA O EXTERIOR

No contexto do habitar contemporâneo, é redutor afirmar que o espaço da Casa é unicamente um espaço fechado sobre si próprio com o propósito de resguardar o seu ocupante do exterior. É notório, nos dias de hoje, que um aspecto importante e significativo na escolha de uma habitação é a sua relação com o exterior.

No início do século XX, o projecto da habitação unifamiliar burguesa moderna vai prestar particular atenção à articulação entre o espaço habitável encerrado e o espaço exterior. A possibilidade de extensão da casa sobre o exterior com a introdução, na organização doméstica, de espaços abertos que estendem a vida doméstica para um recinto aberto e polivalente, apontam para um uso diferente da habitação de acordo com novos padrões de vida.

*"Esta transformação espacial acompanha uma valorização diferente da relação do homem com a Natureza e da sua importância na vida quotidiana familiar"*¹⁹

A afirmação de Rui Ramos pretende salientar a presença imediata que o exterior passa a ter na casa, que usufrui do espaço exterior com prolongamento ao ar livre dos seus espaços de sociabilidade e de privacidade doméstica. Este aspecto, segundo o autor, permitiu a recuperação e inovação de um conjunto de dispositivos arquitectónicos, que permeiam aquilo que é a transição entre interior e exterior.

*"Estes dispositivos tradicionais na casa burguesa são por vezes re-desenhados, re-elaborados e re-nomeados (...) o solário surge no desenho da cobertura, o terraço passa a ser jardim, a pérgola associa-se a grelhas de sombreamento, a varanda torna-se um espaço habitável, a galeria é composta por pilotis e a casa abre-se para o novo pátio."*²⁰

Podemos observar na casa Savoye este duplo sentido, comum na obra de Le Corbusier, recriando os seus elementos e abrindo a casa para o exterior. O pátio

¹⁹ RAMOS, Rui Jorge Garcia - A Casa; Arquitectura e Projecto Doméstico na primeira metade do século XX português, FAUP Publicações, Porto, 2010, p. 539

²⁰ idem, p. 543-544

central da casa é também o prolongamento da sala interior. É uma sala exterior descoberta e com mobiliário fixo, separada do interior por uma grande parede envidraçada. Reforçando a ideia de uma dilatação do espaço da sociabilidade doméstica para o exterior, a continuidade entre estes dois espaços é também assegurada pela fachada da sala que mantém o mesmo recorte do vão sobre o espaço exterior ao terraço.

O contacto com o exterior continua presente na cobertura da casa com a presença do *solarium*, acessível por uma rampa exterior desde o terraço central. Este espaço exterior mais reservado está protegido por um conjunto de paredes sinuosas que delimitam aquilo que é o perímetro de privacidade.

A *Villa Savoye* é um projecto que responde a todos os “5 pontos para uma arquitectura nova, proposto por Le Corbusier e P. Jeanneret (1927)

Segundo Rui Ramos, podemos considerar a que dilatação da casa sobre o exterior constitui um factor significativo na transformação do espaço doméstico ao longo do século XX²¹. Contudo, o autor salienta que na arquitectura portuguesa, mais ou menos influenciada pela arquitectura internacional e moderna, ou pela tradição local, o seu principal objectivo é assumir a relação do interior com o exterior como sentido essencial na qualificação da vida doméstica.

*"A abertura e a relação da casa com o espaço exterior envolvente, próximo ou mais distante, é sempre um prenúncio de um gesto romântico, que , independentemente do estilo, caracteriza o seu sentido de habitar"*²²

O aspecto que nos parece fundamental é a existência do jardim na habitação unifamiliar burguesa, pois permite essa abertura do interior para um exterior protegido, ainda privado. Le Corbusier é um bom exemplo da persistência desses valores quando adapta a habitação unifamiliar aos princípios da arquitectura moderna – os 5 pontos para uma arquitectura nova – e também à densificação urbana (exemplo o *immeuble-villa*).

²¹ RAMOS, Rui Jorge Garcia - A Casa; Arquitectura e Projecto Doméstico na primeira metade do século XX português, FAUP Publicações, Porto, 2010, p. 567

²² idem, p. 567

3.3 NÚCLEO FUNCIONAL

A redução e adaptação da dimensão da casa aos novos modos do habitar foi um dos aspectos ao qual o projecto doméstico procurou responder durante o século XX. A diminuição do número de dependências onde se desenrola a vida doméstica torna necessário concentrar e nuclear a organização do espaço doméstico. Esta operação passa não só por uma requalificação das áreas necessárias ao desempenho de uma determinada actividade, seja esta, cozinhar, dormir, conviver, comer, brincar ou trabalhar, mas também por uma visão diferente da sua articulação com o espaço da casa²³.

Segundo o autor Rui Ramos, a casa inglesa da segunda metade do século XIX tem um papel preponderante na simplificação do complexo programa doméstico. A burguesia inglesa vivia entre a casa no campo e a casa na cidade e como tal, manter duas habitações permanentes mostra-se uma tarefa árdua, criando oportunidade para a simplificação do vasto programa das suas casas de campo para soluções mais pragmáticas. Este aspecto, segundo o autor originou uma crescente unificação dos diferentes espaços de entrada e de estar, um processo que se inicia pela organização da casa do *central living hall*²⁴. Um espaço central que permite a circulação dentro de casa, que é espaço de acesso da rua para o interior e que liga diferentes salas, tornando-se rapidamente um espaço de estar vital na vida quotidiana doméstica. No entanto, parece-nos demasiado redutora esta visão sobre este processo. Entendemos que dependendo das condições sociais e económicas, a evolução do espaço doméstico desde as grandes casas para a nobreza, passando pela habitação unifamiliar burguesa até à habitação operária, revê-se numa especialização dos espaços domésticos. Este aspecto não torna a organização espacial das habitações necessariamente mais simples. A habitação unifamiliar burguesa do início do século XX, embora com menos recursos e de dimensões menores, apresenta claramente uma divisão entre espaço social, íntimo e de serviços.

²³ RAMOS, Rui Jorge Garcia - A Casa; Arquitectura e Projecto Doméstico na primeira metade do século XX português, FAUP Publicações, Porto, 2010, p. 481

²⁴ idem, p. 482

Com o desenvolvimento deste espaço central na habitação, a arquitectura domestica do século XX é levada à experimentação insistente de novas formas de continuidade espacial entre os próprios espaços e destes com o exterior. Frank Lloyd Wright será o autor que mais longe levou a sua pesquisa projectual no sentido de encontrar fluidez, capazes de ligar e separar simultaneamente espaços numa ideia de continuidade espacial. Contudo, não se limita à materialização desta possibilidade e introduz no seu estudo a noção de núcleo, onde o centro da casa surge como lugar primordial para ligar e separa espaços, para distribuir calor através de lareiras ou caldeiras, organizar circulações verticais e horizontais e assim libertar a periferia do edifício de qualquer limitação. O núcleo central, construído e equipado no centro da habitação torna-se uma importante possibilidade de organização espacial. A esta possibilidade, Frank Lloyd Wright associa o efeito de rotação em torno deste elemento, não esquecendo a associação do vestíbulo à escada, mas mesmo assim permitindo a distribuição de outros aspectos do programa doméstico em seu redor.

*"(...) concentrar e centrar, adquirem um ênfase particular quando associadas. Se concentrar é uma razão essencial técnica, fazê-lo no centro do espaço interior leva-nos a uma razão simbólica e prática."*²⁵

Ter o centro da casa como lugar vital na organização do espaço doméstico, atribuindo-lhe um núcleo construtivamente denso que alberga serviços e funções, contém em si a ideia de libertação do seu espaço envolvente, garantindo a liberdade do perímetro da casa, para a construção livre de vãos, e o desenvolvimento da ideia de continuidade espacial pelos espaços amplos que rodeiam o núcleo da casa. Estes dois argumentos – planta livre e fachada livre - foram vitais na argumentação da proposta moderna em defesa de novas formas de habitar e mantém-se como temas abordados e experimentados no projecto doméstico contemporâneo.

²⁵ RAMOS, Rui Jorge Garcia - A Casa; Arquitectura e Projecto Doméstico na primeira metade do século XX português, FAUP Publicações, Porto, 2010, p. 483

3.3.1 A ESCADA

No processo de elaboração de uma casa, desde o seu projecto até à sua construção, as circulações, e os espaços a eles associados são elementos que demonstram um tratamento cuidado e de especial atenção por parte de arquitectos e clientes. Estes dispositivos de circulação, são desde os finais do século XIX, segundo o estudo de Rui Ramos, um argumento essencial para a formação de uma arquitectura moderna, tradução de novas formas de habitar e de um estilo de vida.²⁶ Assim, o corredor e a escada tornam-se elementos fundamentais na organização do espaço doméstico, e o seu desenho um dos argumentos mais fortes na justificação das soluções propostas para novas formas de organização espacial da casa.

No entanto, apresentando uma maior ou menor importância na construção de um espaço simbólico, a escada mantém o seu estatuto de elemento fortemente representativo na casa. Se na transição do século XIX para o século XX, nos palacetes e casas urbanas, a escada era marcada por uma natural ostentação monumental, após isso, ela aproxima o seu desenho de um entendimento funcional e de uma depuração decorativa. Contudo, a escada mantém-se na casa como momento de excepção, tal como o espaço de circulação a ela subjacente.

Desde o final da segunda década do século XX, a arquitectura doméstica vê-se abalada por uma nova ordem no sentido de uma reforma espacial, que então valoriza a escada como elemento funcional, como acolhimento de movimento e sinal de modernidade, mas que faz permanecer o seu valor simbólico.

"A escada, melhor que qualquer outro elemento, pode marcar o espaço, atribuindo-lhe significado e diferenciando-o no meio doméstico e social."²⁷

Assim, podemos dizer que após a década de 20 a escada sofre uma transformação, principalmente na forma como é colocada no panorama doméstico.

²⁶ RAMOS, Rui Jorge Garcia - A Casa; Arquitectura e Projecto Doméstico na primeira metade do século XX português, FAUP Publicações, Porto, 2010, p. 386

²⁷ idem, p. 387

Embora com outra escala e outros materiais, a ideia mantém-se e permanece o virtuosismo da sua elaboração.

Na casa do movimento moderno, a escada faz parte da casa e é dispositivo para o movimento e para a deslocação dos habitantes, abrindo a casa a outras dimensões do espaço, à verticalidade e à *promenade architecturale*. A escada deixa de ser um elemento justaposto à cena doméstica, como no início do século XX, e passa a fazer parte dela, incorpora-se no espaço da sala, segmenta a sala comum, organiza as deslocações, no fundo, confere-lhe uma ideia de movimento e de espaço que tende a conceptualizar toda a casa.

3.3.2 CONTINUIDADE ESPACIAL E O ESPAÇO COMO ARGUMENTO

*"A presença da escada principal no espaço central da casa e o facto de este se transformar num grande espaço de mobilidade no seio da habitação remetem-nos para o argumento da promenade architecturale que apoiou a invenção espacial e terminologia de Le Corbusier e a experiência da arquitectura contemporânea."*²⁸

A *promenade architecturale* como experiência de um movimento, de um tempo e de um espaço, assume grande importância na reconfiguração da casa. Uma importância que advém de um aperfeiçoamento do espaço central da casa, que passa a ter em maior consideração aspectos como a deslocação horizontal e vertical dos seus habitantes. Este aspecto permite também que a *promenade* se torne motivo e instrumento de projecto para ligar espaços, numa ideia de continuidade espacial que conduz a uma reorganização do espaço doméstico. O objectivo deixa de ser projectar a escadaria monumental no átrio da casa, e passa a ser desenvolver uma mecânica espacial que articule espaço com movimento, com perspectiva entre o interior e exterior e com o funcionamento da vida quotidiana. Estes aspectos traduzem os valores emergentes da cultura moderna e das novas formas de habitar, onde o espaço em si se torna argumento na construção de uma *promenade architecturale*.

Para Le Corbusier, a configuração espacial deve estar relacionada com o movimento do corpo, na plena realização da actividade seja ela qual for. O homem coloca-se no espaço com os "seus olhos que estão a 1,70m do solo"²⁹ e assim vê os objectos da arquitectura. O passeio arquitectónico ou a *promenade architecturale*, qualquer que seja, seria para Le Corbusier, na sua essência, composto ou constituído por eixos, axialidades e quebras de axialidades ou até inflexões.

²⁸ RAMOS, Rui Jorge Garcia - A Casa; Arquitectura e Projecto Doméstico na primeira metade do século XX português, FAUP Publicações, Porto, 2010, p. 415

²⁹ LE CORBUSIER. Por uma arquitectura, trad. Ubirajara Rebouças, São Paulo: Perspectiva, 2009, p.

*“O eixo é talvez a primeira manifestação humana; é o meio de todo ato humano. A criança que tinueira tende para o eixo, o homem que luta na tempestade da vida traça um eixo. O eixo é o ordenador da arquitectura. (...) Na realidade, os eixos não se percebem do alto como mostra a planta na prancheta de desenho, porém no solo, o homem estando de pé e olhando diante dele. O olho vê longe e, objectiva imperturbável, vê tudo, mesmo para além das intenções e das vontades.”*³⁰

A gradação dos eixos entre o mais ou menos visível e o mais ou menos acessível, contribui, com o efeito espacial na realização da actividade, espacializando adequadamente o passeio arquitectónico.

Nas casas da transição do século XIX para o século XX, a presença da escada que liga o rés do chão aos restantes pisos junto ao átrio central, era o prenúncio de uma intenção de eliminar a separação rígida entre espaços, fosse entre os diferentes pisos ou entre os diferentes domínios domésticos. Na primeira metade do século XX, a constituição da escada e de outros dispositivos de circulação como parte de um novo espaço central na casa, vem conferir uma nova qualidade ao espaço. Esta ideia surge alicerçada na exploração modernista de um passeio espacial pelo espaço doméstico e que fez da continuidade espacial uma das suas mais marcantes características. Através desta noção de continuidade espacial, os espaços sofrem uma dilatação para além dos seus limites, e consequentemente a sua unificação, que pode até incluir todo o programa da casa num só espaço. Este aspecto vai ser determinante na mudança da organização doméstica e das novas formas de habitar.

Como exemplo, podemos tomar a paradigmática casa Schroeder projectada em 1924 por Gerrit Rietveld, onde várias portas e painéis permitem que a casa seja dividida em compartimentos controlados ou um espaço amplo e aberto, provocando uma inversão por completo da percepção do espaço doméstico. Consoante as necessidades, estas partições móveis podem adicionar áreas ao espaço comum da casa, ou pelo contrário, encerrar espaços onde possa ser

³⁰ LE CORBUSIER. Por uma arquitectura, trad. Ubirajara Rebouças, São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 133

mantida a intimidade. Esta flexibilidade na casa torna-se assim em algo que garante e proporciona não só conforto em espaços mais limitados, mas revela contornos de uma nova liberdade na habitação onde a permutabilidade dos espaços é fundamental.

Mais recentemente, arquitectos como Steven Holl continuam a explorar através de mecanismos semelhantes o conceito de versatilidade dos espaços domésticos. Integrada na operação de planeamento urbano levado a cabo pelo distrito de Kashi de Fukuoka, a proposta de Steven Holl consiste num conjunto de 28 apartamentos concebidos em torno de quatro espaços públicos exteriores, orientados a sul, e de outros quatro orientados a norte. Numa interpretação contemporânea do “fusuma” tradicional japonês, o arquitecto propõe uma série de painéis e armários pivotantes que permitem uma mudança da utilização do espaço interior de casa habitação. Estas mudanças, permitem que o espaço de convívio seja maior durante a utilização diurna e, durante a noite, que a área do espaço de dormir aumente, transformando a casa a partir das actividades que nela se desenrolam nos diferentes momentos do dia a dia. A mudança da estrutura familiar é também catalisador que motiva as mutações da casa. Nesse sentido, as partições permitem não só a optimização quotidiana do espaço mas também a sua adaptação continua a novos episódios no seio familiar, como por exemplo a saída dos filhos de casa dos pais.

“Quando em 1992 visitamos o novo edifício, já totalmente habitado, as pessoas que habitavam os apartamentos tinham formado uma comunidade (...). Chegaram a conhecer-se uns aos outros o mostrarem as diferentes possibilidades interiores das suas casas.”³¹

A casa que Steven Holl propõe é, no fundo, o que Iñaki Abalos descreveu como a casa pragmática que vive do presente, associada à possibilidade de conforto instantâneo através de processos mecânicos, mobiliário e ergonomia. Nos interiores pragmáticos, o valor atribuído a espaços individuais e colectivos é homogéneo,

³¹ HOLL, Steven, *Intertwining*, New York: Princeton Architectural Press, 1996, p. 18

levando a uma diluição dos limites entre público e privado.³²

*"Imaginemos um humanismo do futuro: uma arquitectura que poderia ser muito mais flexível em relação ao indeterminado e ao casual. (...) Este enfoque, que permitiria a autodeterminação de modelos sociais em espaços habitáveis, é muito distinto do determinismo positivista e autoritário típico da modernidade de metade do século."*³³

A continuidade espacial vem conferir ao espaço um lugar de destaque no projecto doméstico. O espaço em si transforma-se num valor nuclear, num argumento de modernidade e num objectivo de projecto. É um facto, que a criação e a produção de espaço é um aspecto permanente na produção arquitectónica. Mas é no advento do século XX, que este encontra novos instrumentos para criar e difundir uma nova espacialidade, até então limitado pelas técnicas construtivas. Entre os cinco pontos para uma nova arquitectura anunciados por Le Corbusier, o principio da "planta livre" torna-se o mais consequente na arquitectura do Movimento Moderno. Acaba com a estrutura resistente das paredes que encerram o espaço e torna-as independentes da estrutura de suporte e das paredes que organizam o espaço interior, permitem uma nova e livre materialização do espaço arquitectónico. Há que lembrar, a exemplo desta nova espacialidade, o quarto em mezanino em Le Corbusier e as habitações unifamiliares quase sem paredes internas em Mies van der Rohe.

*"O espaço arquitectónico é em si um evento, um vazio abstracto que contemplamos e percorremos, que não necessita de estar relacionado com o desenvolvimento de um elemento concreto do programa ou com a sua justificação."*³⁴

No seguimento do seu pensamento, Rui Ramos, refere-nos que deixa de ser um

³² ÁBALOS, Iñaki, La buena vida: visita guiada a las casas de la modernidad, Barcelona, Gustavo Gili, 2001, 2ªEd, p. 183 - 184

³³ HOLL, Steven, Intertwining, New York: Princeton Architectural Press, 1996, p. 11

³⁴ RAMOS, Rui Jorge Garcia - A Casa; Arquitectura e Projecto Doméstico na primeira metade do século XX português, FAUP Publicações, Porto, 2010

objectivo para a modernidade a simples atribuição de espacialidade aos diversos aspectos do programa doméstico, mas sim, transforma-los num acontecimento espacial puro.

O espaço, e não o vazio, é na arquitectura moderna argumento suficiente para o seu desenho e construção, e a possibilidade de convocar uma nova espacialidade que assenta em conceitos como a continuidade espacial e a *promenade architecturale* fundados na "planta livre" de Le Corbusier, traduz-se numa das principais influencias da cultura moderna na forma de habitar.

3.3.3 CASO DE ESTUDO

No desenvolvimento deste trabalho, o longo estudo e obra de Le Corbusier sobre o projecto doméstico revelou-se uma referência da maior importância. Destacamos de entre muitos outros projectos, a Maison M. X. (Maison Caneel, 1929), como grande "motor" no desenvolvimento crítico e prático deste trabalho.

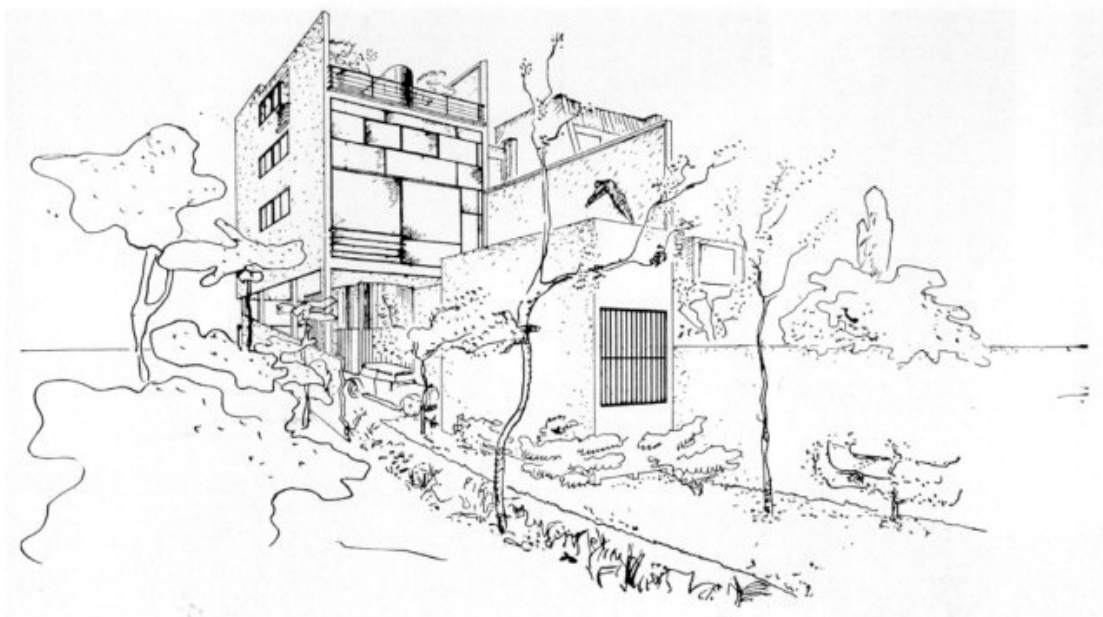


Fig. 17 – Perspectiva da Maison M. X.

O projecto da Maison M. X. para Bruxelas previa uma casa com cinco pisos, um deles enterrado - a cave - e um piso térreo meramente de acesso do exterior à casa, que se desenvolve na sua grande parte elevada sobre pilotos.

O primeiro aspecto a relevar neste projecto passa pela distribuição proposta por Le Corbusier dos diferentes espaços da casa pelos vários pisos. Contrapondo aquilo que ainda hoje é uma convenção no projecto doméstico multipisos, Le Corbusier opta por fazer do primeiro piso, o espaço íntimo da casa, onde se encontra o quarto maior, dos seus prováveis donos, e outros dois quartos de dimensões bem mais reduzidas, supostamente destinados aos domésticos. Assim, Le Corbusier, projecta para os dois últimos pisos os espaços sociais da casa. Esta colocação do piso social sobre o piso íntimo, permite que o espaço social da casa resulte da articulação dos dois últimos pisos. No último piso da casa, a biblioteca funciona como mezanino sobre a sala de estar de duplo pé direito, e do outro lado

como terraço exterior da moradia. Este piso é quase uma extensão espacial do piso mais público da cozinha, sala de jantar e sala de estar, estabelecendo uma relação de proximidades com o terraço na cobertura e usufruindo da melhor vista.

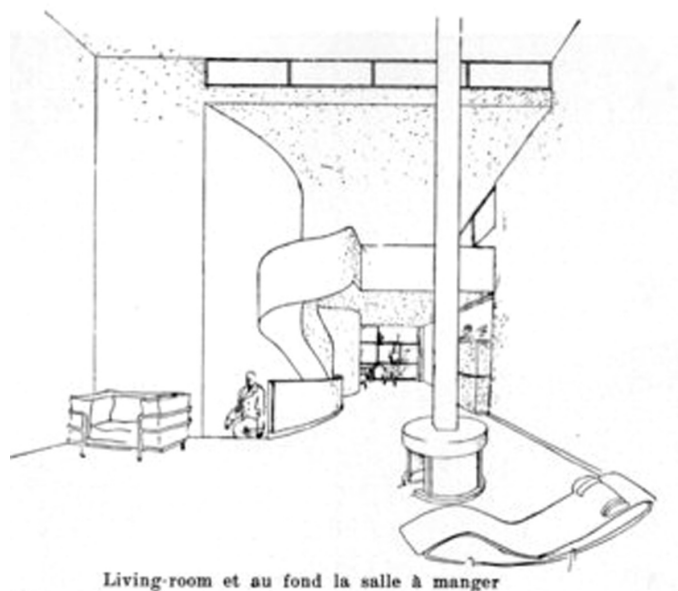


Fig. 18 – Perspectiva do piso social – “sala de estar e ao fundo a sala de jantar”

Para fazer a articulação entre os diferentes pisos e espaços domésticos, Le Corbusier cria, neste projecto, um sistema de nuclearização, tanto dos vários dispositivos de circulação vertical como de alguns espaços servidores da casa, e que estabelece de maneira perspicaz os princípios de separação dos serviços e do espaço onde se desenrola a vida doméstica. Esta separação proporciona a libertação do restante espaço doméstico, isto é, o espaço dito da vida social, para uma realização espacial "livre".

Ao núcleo central, são associadas diversas escadas que estabelecem um complexo sistema de relações entre os diferentes pisos, evidenciando o conceito de *promenade architecturale* desenvolvido pelo autor. Entrando na casa é possível aceder por uma das escadas ao quarto principal e daí chegar ao piso social. Por outro lado, naquele que seria o percurso destinado aos domésticos, é possível aceder por uma outra escada directamente aos quartos dos domésticos e daí à cozinha sem nunca cruzar os espaços nobres da casa - o quarto principal ou até a sala de estar. Nesse ultimo piso existe ainda uma outra escada de acesso à biblioteca, associada ao mesmo núcleo, que entretanto cresceu para formalizar a cozinha.

Neste projecto, as diferentes escadas associadas ao espaço central em torno do qual se desenvolvem, constituem um verdadeiro núcleo central que aglutina compartimentos e articula as circulações verticais e horizontais da casa. Assim, são libertados os espaços envolventes ao núcleo, estabelecendo entre si uma continuidade espacial que valoriza o espaço como argumento para uma nova organização do espaço doméstico e propondo com isso novas formas de habitar.

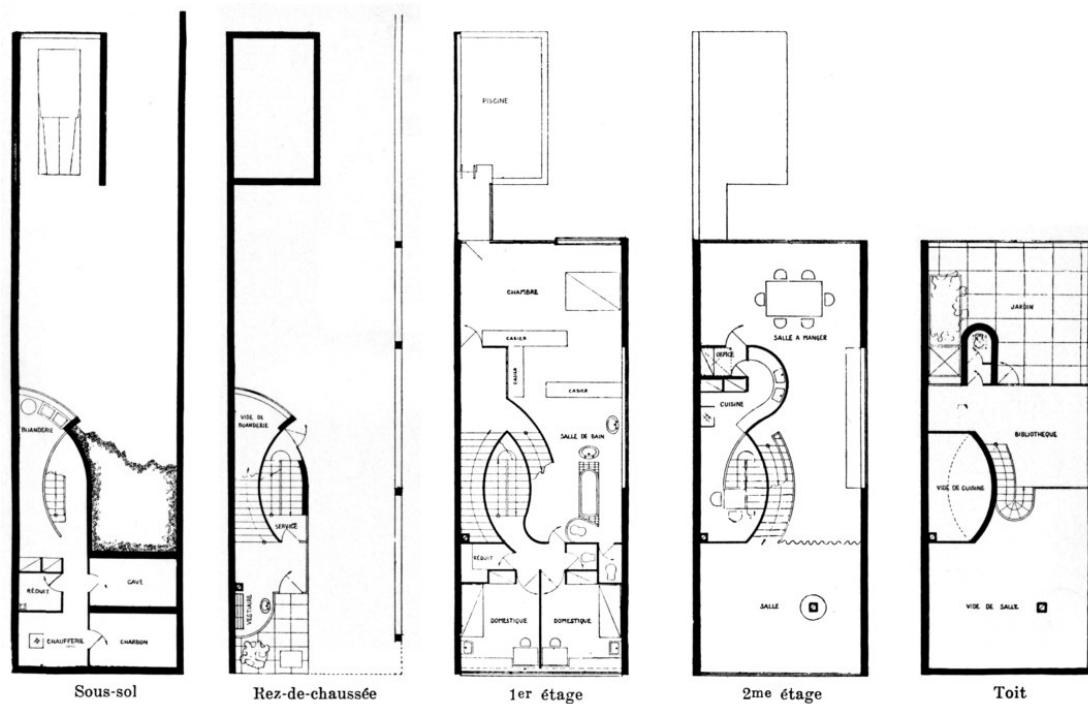


Fig. 19 – Planta do subsolo; Rés do chão; Primeiro piso; Segundo piso; Cobertura

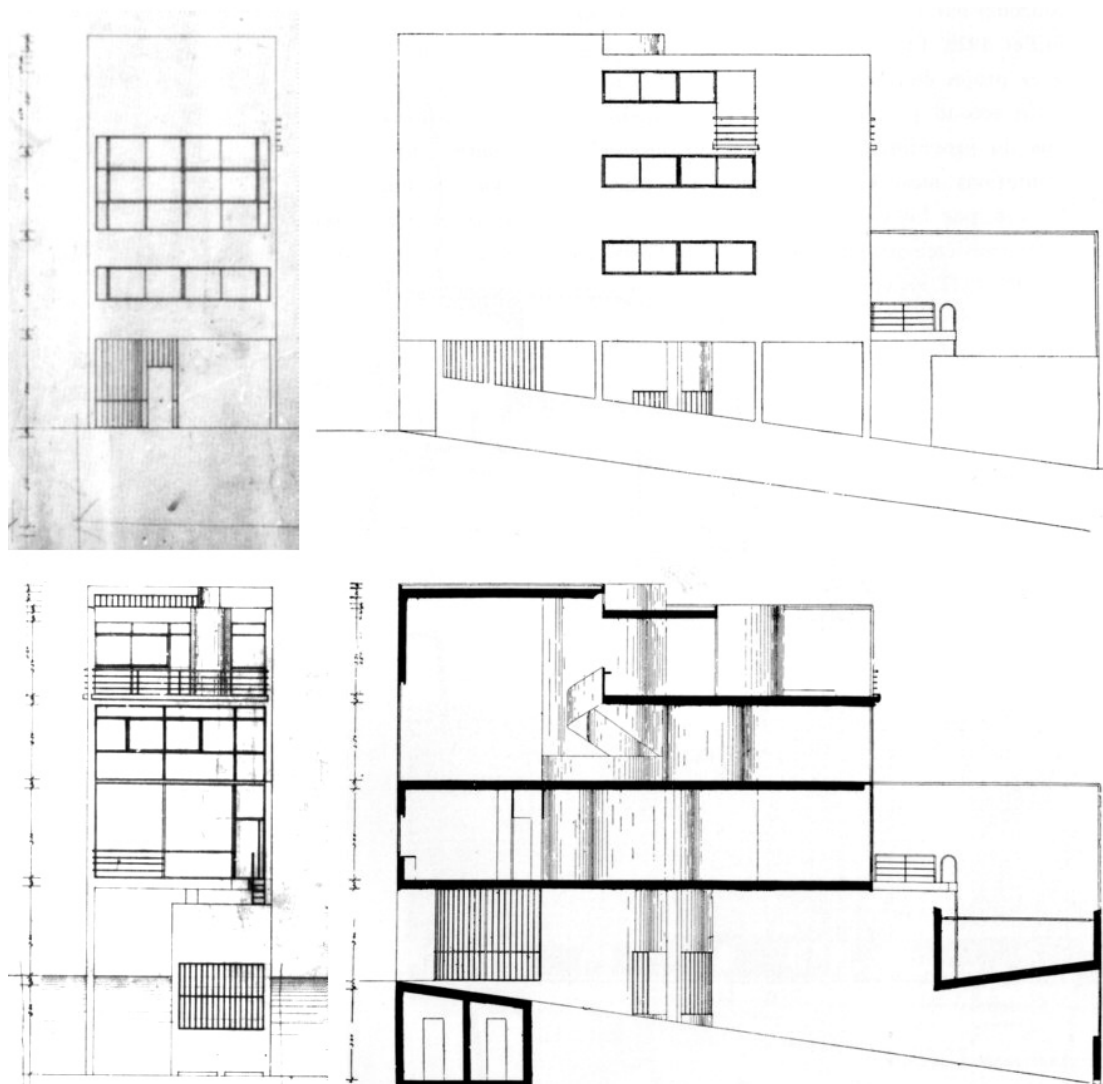


Fig. 20 – Alçado Norte, Alçado Oeste, Alçado Sul, Corte transversal

3.3.2 TRABALHO EXPERIMENTAL – QUATRO MORADIAS URBANAS

O espaço doméstico da moradia unifamiliar surge neste trabalho como a temática principal de reflexão, onde se procurou estabelecer a ligação entre o espaço da cidade e o espaço da casa. Para tal, dentro desta temática, procuraram-se explorar os conceitos apontados por Sou Fugimoto e Alberto Campo Baeza, de casa como relação metafórica à cova. Um lugar que permite diferentes e espontâneas apropriações e que como tal deverá ser dotada de alguma liberdade espacial e dimensional.

Neste contexto, a reflexão e experimentação feitas neste trabalho, assentam sobre temas como a presença de um núcleo funcional, no centro da casa e o estudo das suas consequências e possibilidades espaciais na organização do espaço doméstico.

No âmbito da reflexão anterior, entende-se que a casa contemporânea procura ser mais do que um lugar meramente ligado à intimidade doméstica, comunicando e relacionando-se com o espaço público exterior. A casa contemporânea é então entendida como lugar que relaciona o Homem com o mundo exterior.

O exemplo da figura 21, apresenta no plano urbano, o edifício escolhido para desenvolver a componente experimental deste trabalho, cujo programa assenta em propor quatro moradias unifamiliares integradas num contexto urbano específico – o interior do quarteirão do antigo convento do Desterro. A definição deste edifício, apoia-se na exploração dos conceitos enunciados no projecto urbano e surge como um resultado do desenho do espaço público, mas que, naturalmente se adaptou também às suas exigências tal ao seu programa.

A escolha deste edifício advém do desafio que a sua localização no plano urbano apresenta. A sul, as quatro habitações contactam com o largo de chegada pelo pórtico ao interior do quarteirão. A norte, o contacto é acontece com um espaço público de características diferentes – o cluster. É de referir também, a presença tanto do antigo convento do Desterro a este, como a dos edifícios habitacionais propostos a oeste. Esta peça, encontra-se assim, no encontro entre momentos diferentes e por isso, pretende por um lado estabelecer

harmoniosamente uma relação com essas realidades, como por outro, não perder o seu carácter de vivência doméstica e de intimidade.



Fig. 21 – Edifício das quatro moradias

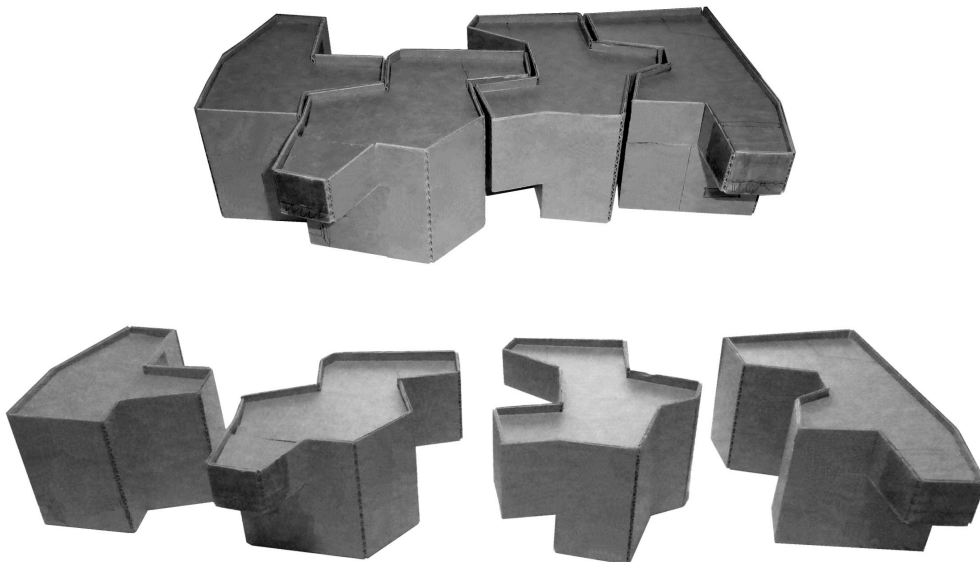


Fig. 22 – Um edifício, Quatro moradias

As quatro habitações trabalhadas, dividem-se, todas elas, em três pisos (piso térreo, primeiro piso e segundo piso), com a possibilidade de acesso às respectivas coberturas. No piso térreo, pretende-se que o espaço seja propício a uma vida doméstica mais ligada ao trabalho ou a actividades de lazer. Um escritório ou um atelier, uma biblioteca ou uma sala de estudos, no fundo, actividades e ocupações em que a sua relação próxima e visual com o exterior não interfira com o desenrolar das mesmas, mas sim, que essa relação de proximidade entre interior e exterior complemente e confira qualidades ao espaço interior da casa.

Por sua vez, na divisão dos outros dois pisos, com base no caso de estudo da Maison M. X. De Le Corbusier, apresentado anteriormente, o primeiro piso será o piso de carácter mais íntimo da casa, e o segundo, respectivamente, o de carácter social.

O primeiro piso congrega os espaços que requerem maior intimidade no programa doméstico, como os quartos. Por outro lado, no segundo piso localizam-se os espaços de vivência pública da casa. Espaços ligados ao encontro e à interacção familiar, tais como o espaço de cozinhar, o espaço de comer e o espaço de estar.

A colocação do programa mais público no segundo piso das moradias permite, pela proximidade, um usufruto directo do espaço da cobertura. Aí, encontram-se as áreas de serviço da casa e o acesso à área exterior. Um espaço exterior, privado e de contemplação da cidade.

A relação delicada que as quatro moradias estabelecem com o seu envolvente resulta num cuidado especial na definição dos vãos e dos espaços que fazem essa mediação entre interior e exterior. Neste contexto, os pátios propostos para cada habitação, assumem alguma importância na organização do espaço doméstico e na sua relação com o exterior. São espaços associados ao primeiro piso e que prolongam a intimidade dos espaços interiores para um espaço exterior. O lugar do pátio procura a sua essência como lugar de ar livre, aberto apenas na sua dimensão vertical e inteiramente privado.

A organização do espaço doméstico das moradias, por sua vez, está associada à ideia da criação de um núcleo denso, no centro da casa, que concentra serviços e funções e através do qual se estabelece a ligação entre pisos por meio da escada. O núcleo central, é introduzido no espaço da casa como o elemento que liga e separa espaços e em torno do qual os espaços da casa à casa oportunidades espaciais assentes na ideia moderna de uma *promenade architecturale*. Esse aspecto permite que a experiência do espaço seja argumento para a sua própria definição. Este núcleo funcional, liberta o espaço envolvente para uma construção livre e conseqüentemente um esbater dos limites de cada espaço. Assim, contrapondo com a permeabilidade mais contida entre o interior da casa e o espaço público exterior, o seu espaço doméstico pretende-se mais contínuo e

aberto, facilitando também a propagação da luz natural pelo seu interior.

O espaço assim obtido revela-se como objecto de um trabalho de concentração de funções e simplificação de actividades que traduz numa possibilidade de conceber e articular o espaço de forma inovadora, propondo um estilo de vida particular, consoante o ser proprietário. Procura-se que os espaços da casa, independentemente da geometria que a encerra, sejam espaços flexíveis e que permitam uma fácil adaptação a diferentes tipos de vida e de ocupação. A sua geometria é então característica da particularidade de cada espaço.

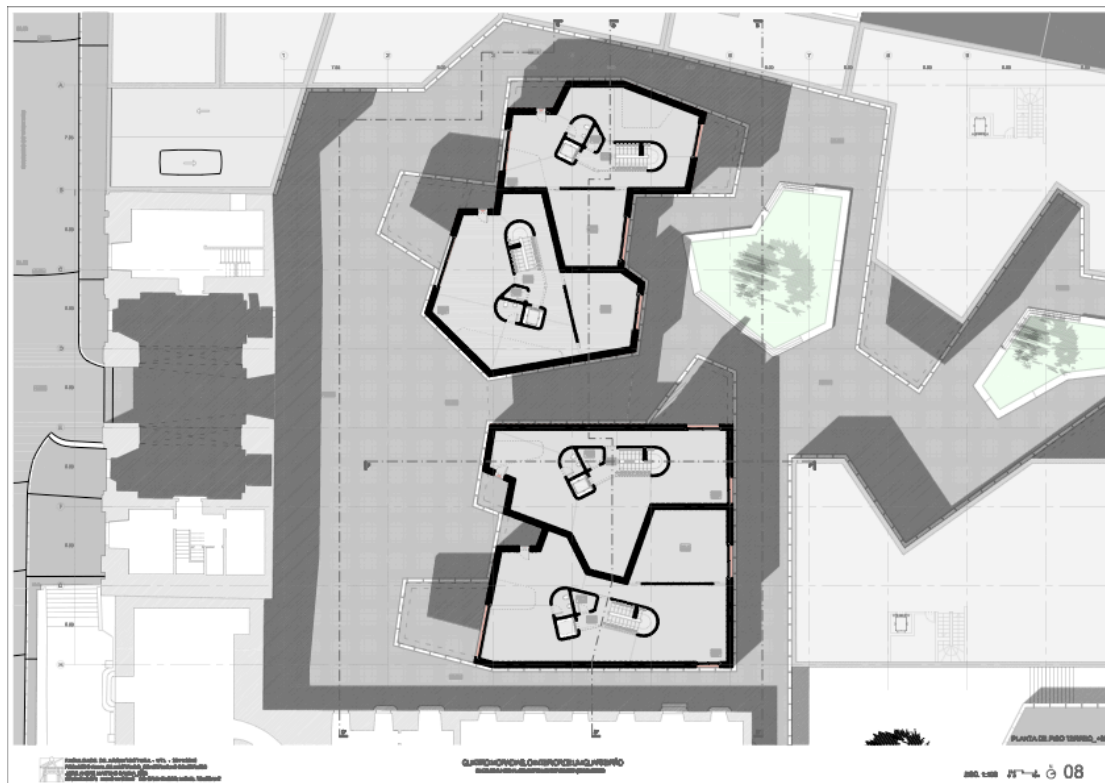


Fig. 23 – Planta piso térreo (este documentos encontram-se a uma escala maior em anexo)



Fig. 24 – Planta piso 1 (este documentos encontram-se a uma escala maior em anexo)

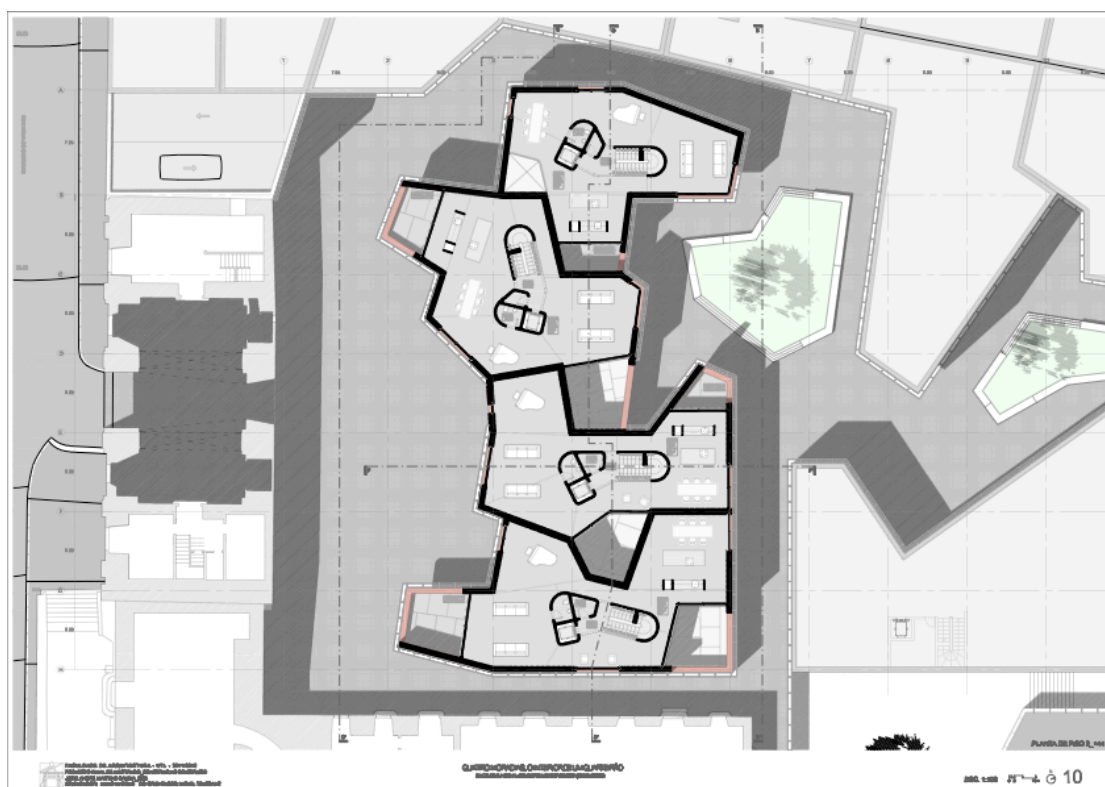


Fig. 25 – Planta piso 2 (este documentos encontram-se a uma escala maior em anexo)



Fig. 26 – Planta cobertura (este documentos encontram-se a uma escala maior em anexo)

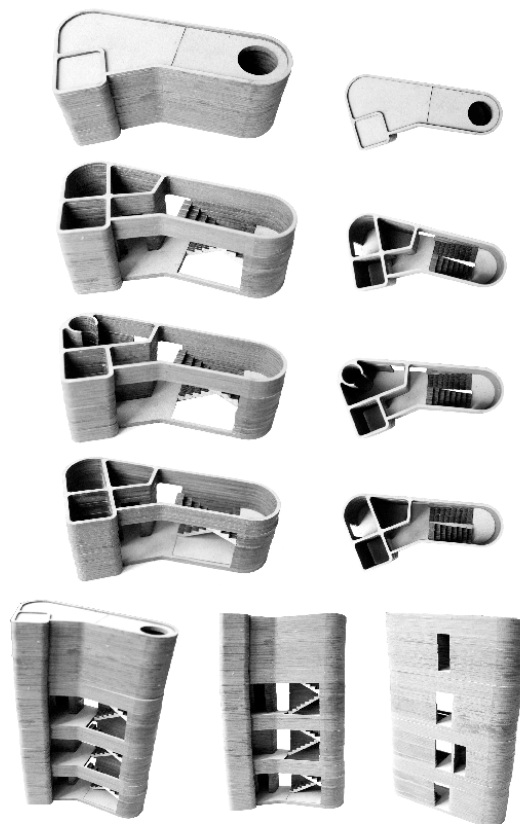


Fig. 27 – maquete núcleo funcional

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou uma reflexão sobre a problemática do espaço doméstico em contexto urbano e as situações que o caracterizam nos nossos dias. Analisaram-se questões a diferentes escalas, sobre as quais se pretendeu propor uma intervenção fundamentada numa metodologia de abordagem ao projecto, onde a Cidade, o bairro e a Casa constituem um todo que se relaciona em si.

No âmbito de uma sociedade global, estruturalmente complexa e constituída por diversos indivíduos, cada vez mais racionais e isolados, procurou-se reflectir sobre as possibilidades, inerentes ao espaço público, em promover estímulos à interacção social ou em relacionar harmoniosamente o Homem e a Cidade.

Para poder formular um entendimento do espaço urbano como lugar harmonioso, foi importante reflectir, num primeiro capítulo, sobre o lugar de intervenção e o seu contexto social e histórico. Acreditamos, que o crescimento descontrolado da Cidade de Lisboa, a exemplo de outras, apoiado pela evolução dos meios de transporte e das comunicações instantâneas, acabou por descaracterizar o meio urbano desenho para o peão e levou a um progressivo abandono dos centros históricos das cidades.

Neste contexto, o exercício de projecto, procurou numa primeira fase, questionar essa tendência evolutiva da cidade e propor um retorno à mesma e aos seus centros urbanos. Para tal, propôs-se densificar e qualificar o espaço urbano, tornando-o continuo e novamente habitado maioritariamente pelo peão. Esta intenção, pretende trazer de novo o Homem à Cidade.

A proposta apresentada passa por tornar mais denso o espaço da Cidade, atendendo a preocupações no desenho, tanto do espaço público como motor de relações sociais, como dos edifícios que o constituem. Assim, a proposta urbana promove uma cidade mais sustentável através da concentração de serviços e a possibilidade de uma vida quotidiana de proximidade entre o habitar, o trabalhar e o lazer.

Ainda no primeiro capítulo, entendeu-se a importância do espaço público como estimulante das relações interpessoais. Tendo como base o estudo de Jan Gehl,

procurou-se um entendimento sobre as qualidades dos espaços públicos e as diferentes possibilidades de apropriação dos mesmos.

O trabalho experimental, pretendeu caracterizar o espaço urbano como lugar que procura explorar as relações entre a sociedade dos nossos dias e o espaço da Cidade. Entendemos ser possível dotar a cidade de lugares onde o Homem poderá, à margem do agito do quotidiano, encontrar momentos de concentração, introspecção e calma, usufruindo de um certo isolamento num espaço público acessível a todos.

Na abordagem apresentada no segundo capítulo, foram explorados alguns conceitos que se mostraram determinantes no desenrolar do projecto experimental, onde o espaço doméstico foi o foco central.

Na relação do Homem com o espaço público, a Casa tem um papel fundamental. Entendemos a Casa como lugar de recolha e de formulação da identidade do indivíduo. A casa é lugar de memória por excelência. É nela que o Homem encontra o seu espaço e o lugar de reflexão e de devaneio na intimidade do seio familiar. No entanto, pretendeu-se que a relação da Casa com o meio urbano seja de interacção recíproca.

A proposta para as quatro moradias urbanas apresenta como estratégia de organização do espaço doméstico a constituição de um núcleo funcional no centro da casa, e procura testar possibilidades tanto na sua organização interna como na sua apropriação.

Entendeu-se que a nuclearização dos espaços servidores e a consequente libertação das periferias da casa conferem ao espaço liberdades na sua definição e na sua adaptabilidade a diferentes tipos de vida.

A escada como parte deste núcleo, constitui todo um sistema de circulações verticais e horizontais, que proporcionam um deambular livre pelos espaços da casa. Esta continuidade espacial permite ao espaço em si, ser argumento suficiente para o seu desenho. Assim, cada espaço pode adquirir um carácter de flexibilidade que procura novas possibilidades no habitar contemporâneo.

Com esta análise, quer teórica como prática, verifica-se finalmente que o

conceito do núcleo funcional no contexto da habitação unifamiliar, apresenta um sem número de possibilidades ainda por explorar. Este trabalho não pretende fechar um ciclo ou estabelecer conclusões absolutas, mas demonstrar que a metodologia abordada, aplicada em determinados contextos, pode significar um enriquecimento arquitectónico tanto do espaço da Cidade como do espaço da Casa.

11729 palavras.

BIBLIOGRAFIA

ÁBALOS, Iñaki, *La buena vida: visita guiada a las casas de la modernidad*, Barcelona, Gustavo Gili, 2001, 2ªEd;

ANDRADE, Amélia Aguiar - *Um percurso através da paisagem urbana medieval in Povos e Culturas, A cidade de Portugal: onde se vive*, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 1987;

BACHELARD, Gaston (1989) - *A poética do Espaço*; trad. António de Pádua Danesi; Martins Fontes, São Paulo, 2003;

BAEZA, Alberto Campo - *A Ideia Construída*; 2a edição, trad. Anabela Costa e Silva, Edição Caleidoscópio, 2008;

CULLEN, Gordon (1971) - *Paisagem Urbana*; trad. Isabel Correia e Carlos de Macedo Arquitectura e Urbanismo, Edições 70, Lisboa, 2008;

FUJIMOTO, Sou - *Futuro primitivo* in Monografia 2G, Editora Gustavo Gili, Barcelona, 2010;

GEHL, Jan (2003) - *La Humanización del Espacio Urbano; la vida social entre los edificios*; trad. da 5a edição inglesa por María Teresa Valcarce, Editorial Reverté, Barcelona, 2006;

HOLL, Steven, *Intertwining*, New York: Princeton Architectural Press, 1996

HOLL, Steven, *Luminosity / Porosity*, Japan: Totó, 2006

HOLL, Steven, *Urbanisms – working with doubt*, New York: Princeton Architectural Press, 2009

LE CORBUSIER. *Por uma arquitectura*, trad. Ubirajara Rebouças, São Paulo: Perspectiva, 2009;

LE CORBUSIER, JEANNERET, Pierre, *Le Corbusier et Pierre Jeanneret: Oeuvre complete*, (1929), Girsberger, Zurich, 1965;

RAMOS, Rui Jorge Garcia - *A Casa; Arquitectura e Projecto Doméstico na primeira metade do século XX português*, FAUP Publicações, Porto, 2010;

SANTOS GUERRERO, Julián; TAVARES, Gonçalo; MENDES DA ROCHA, Paulo. *Pensar a Casa*, Matosinhos, Casa da Arquitectura, 2011;

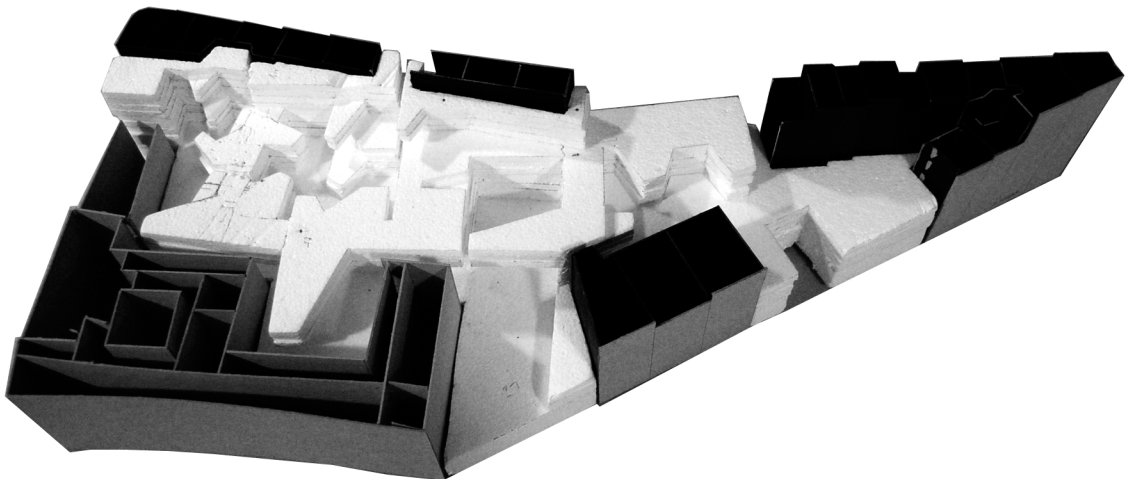
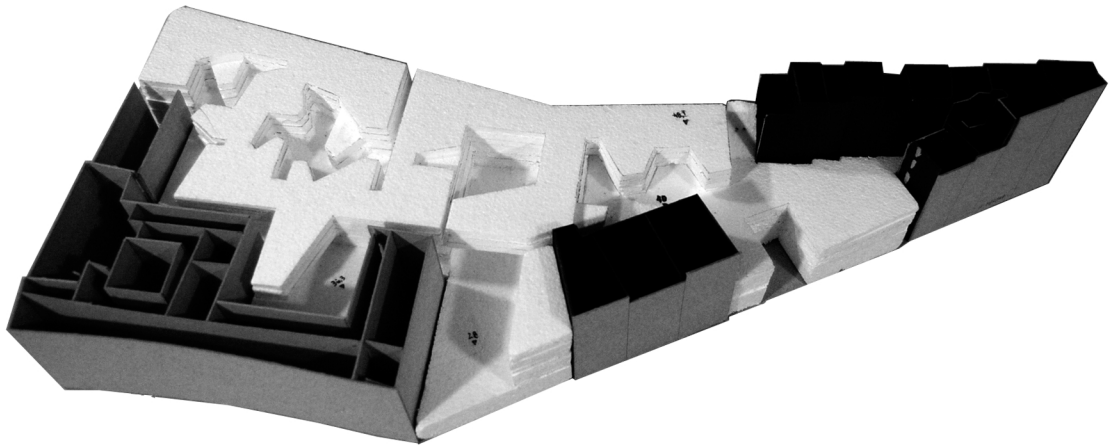
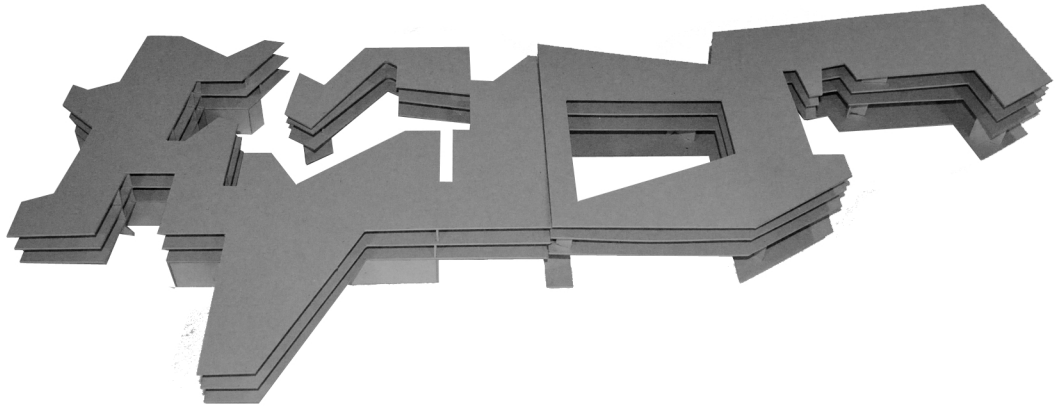
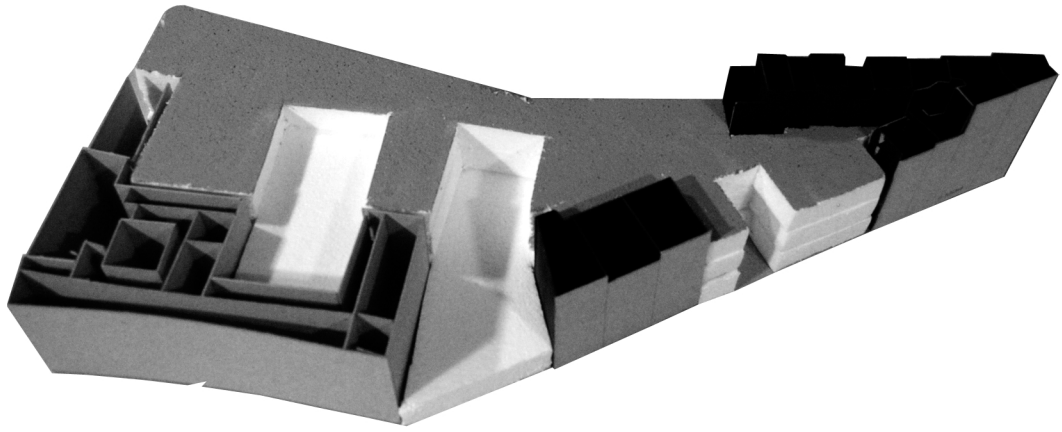
SMITHSON, Alison (ed.) - *Team 10 primer*. Londres: MIT press, 1974;

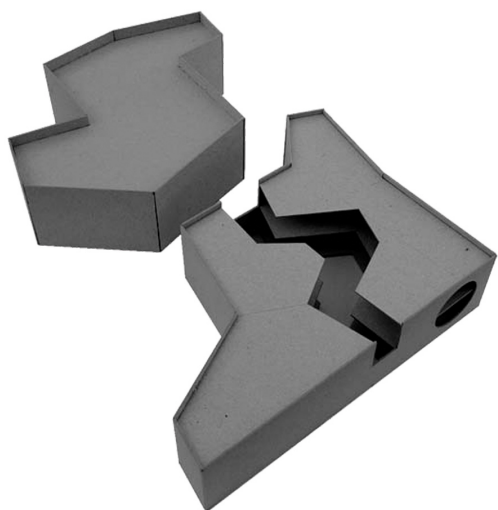
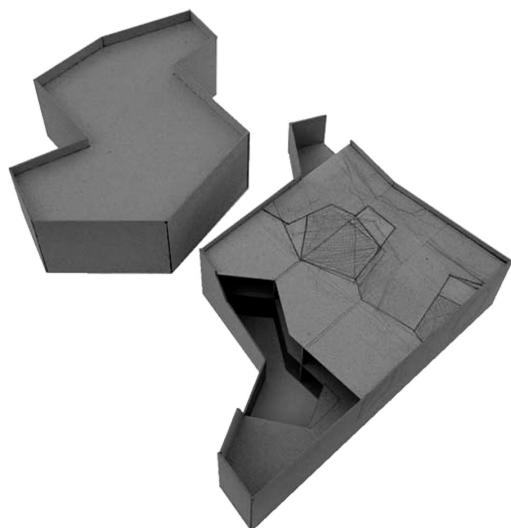
SMITHSON, Alison Margaret; SMITHSON, Peter, *The Charged Void: Urbanism*, New York: Monacelli Press, 2005;

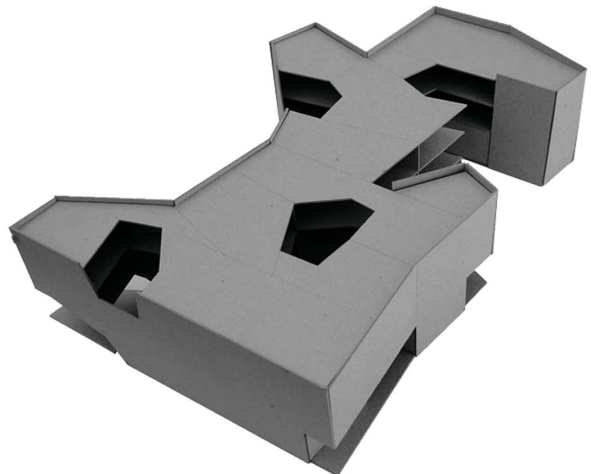
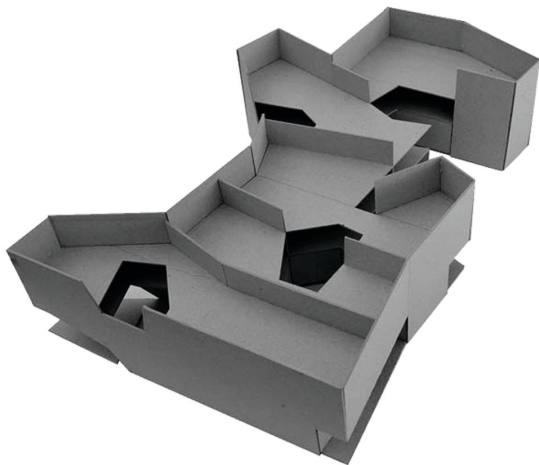
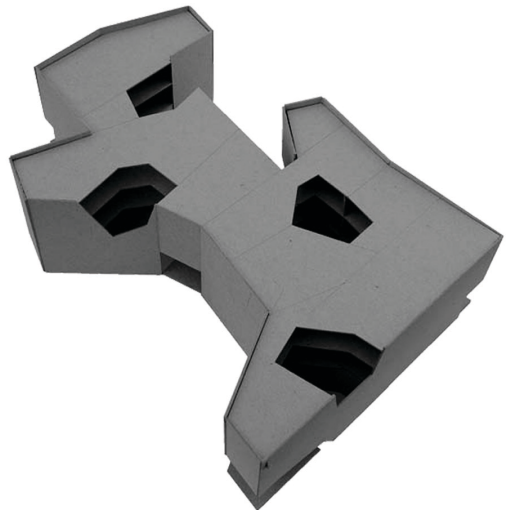
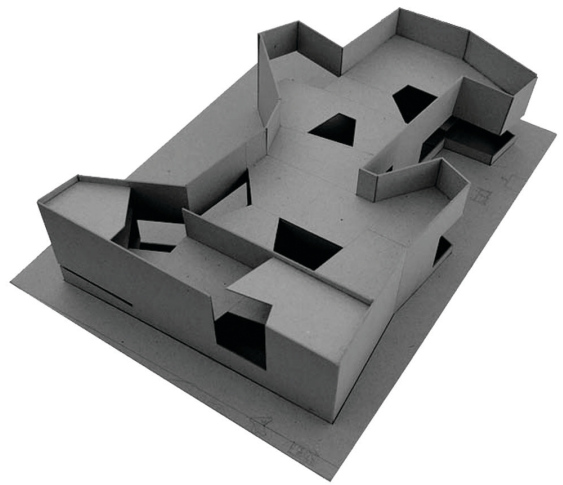
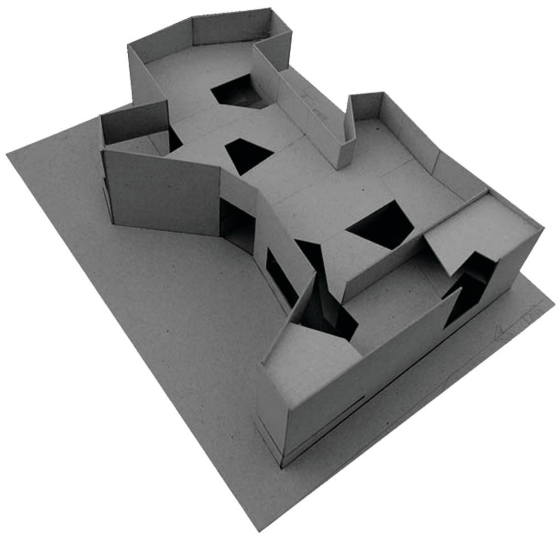
TAVARES, Gonçalo M. *O Senhor Swedenborg e as investigações geométricas*. Editorial Caminho, Lisboa, 2009.

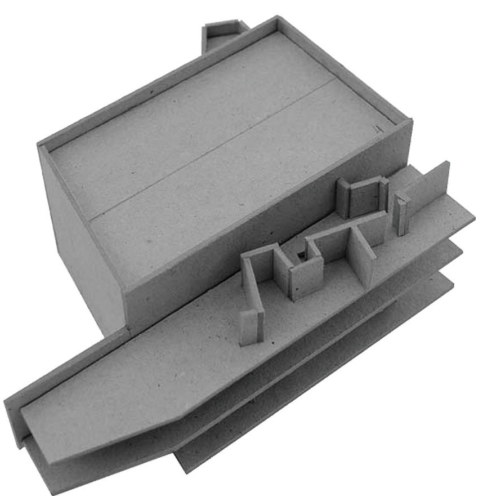
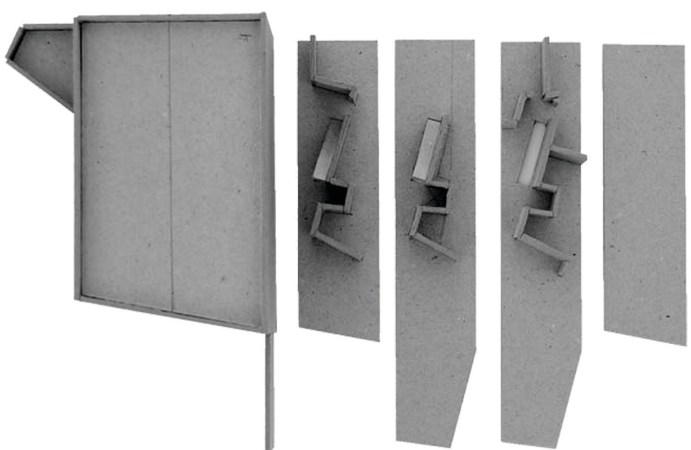
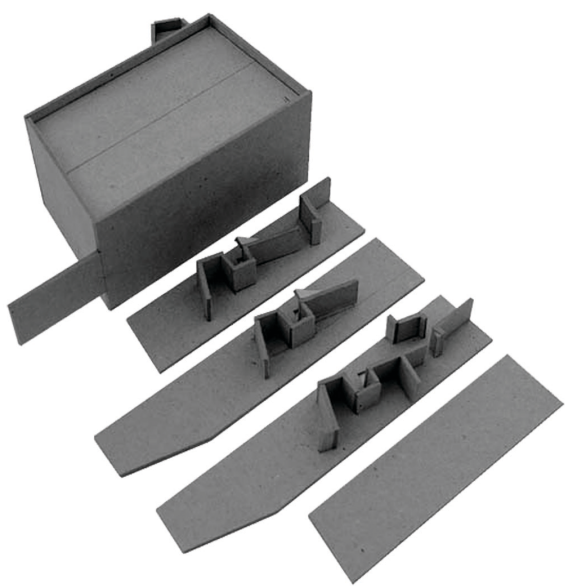
ANEXOS

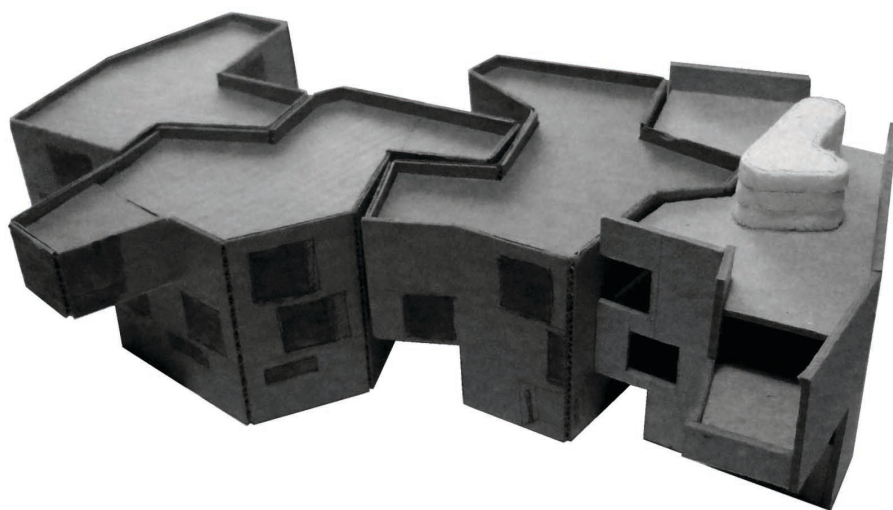
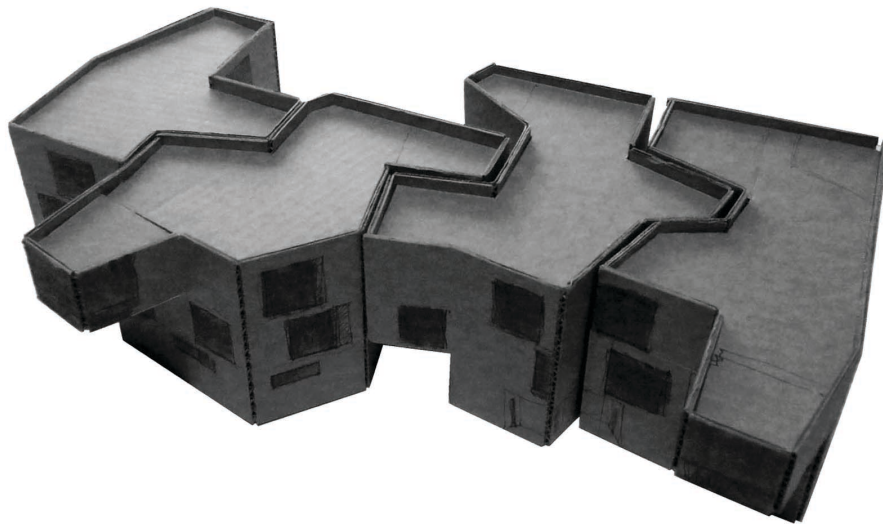
MAQUETES DE ESTUDO

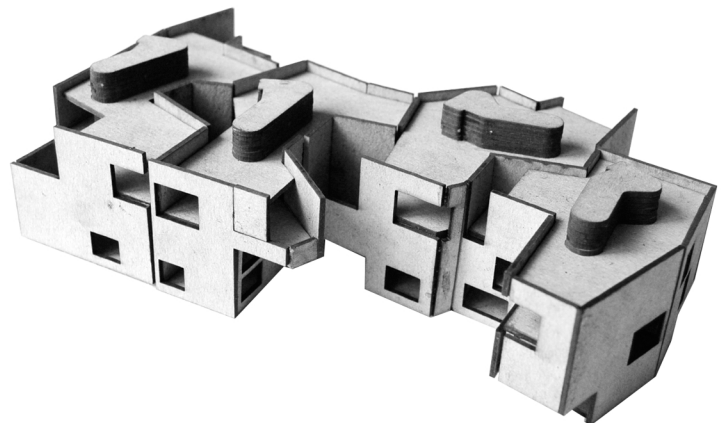
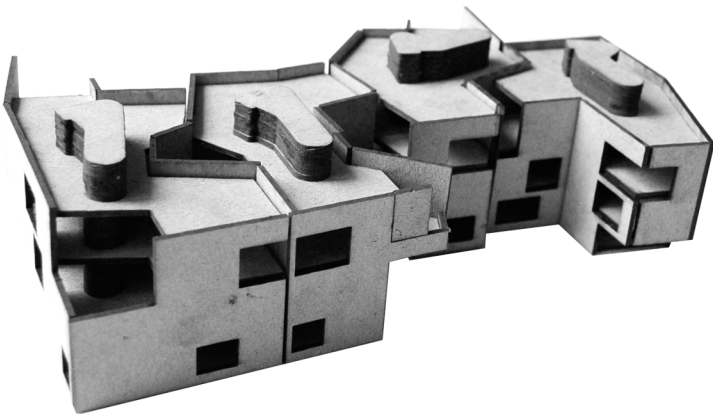
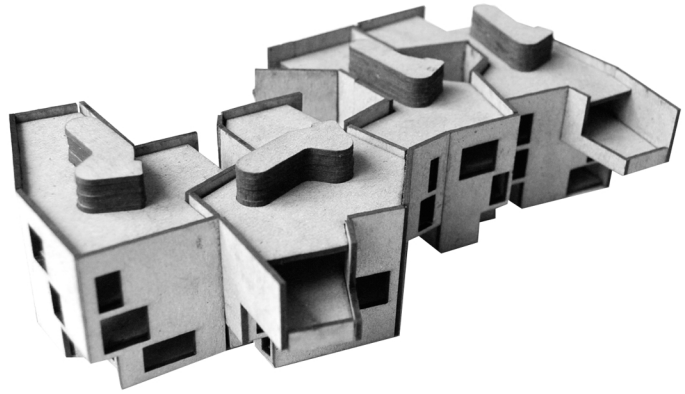
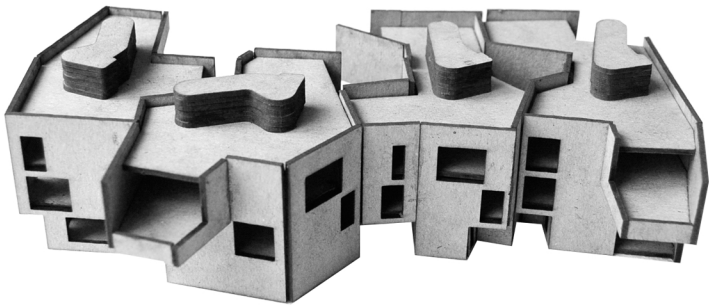
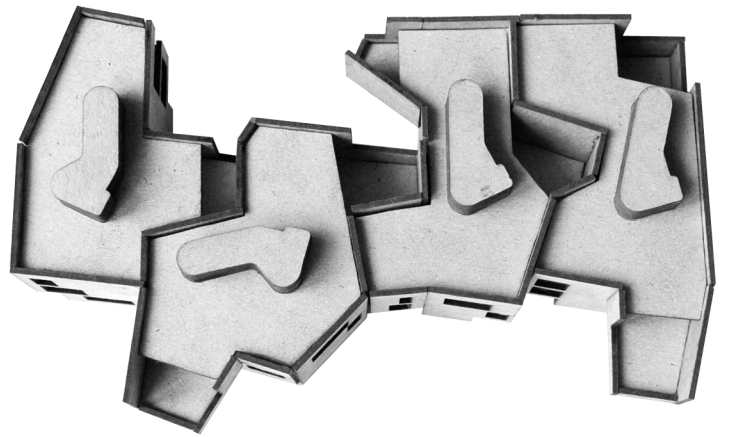
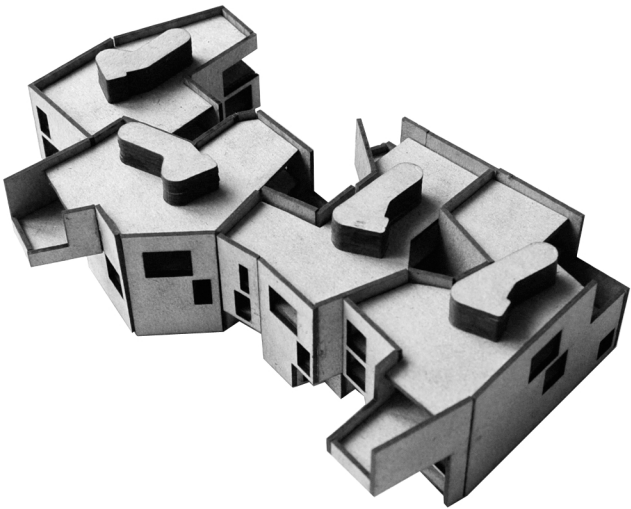
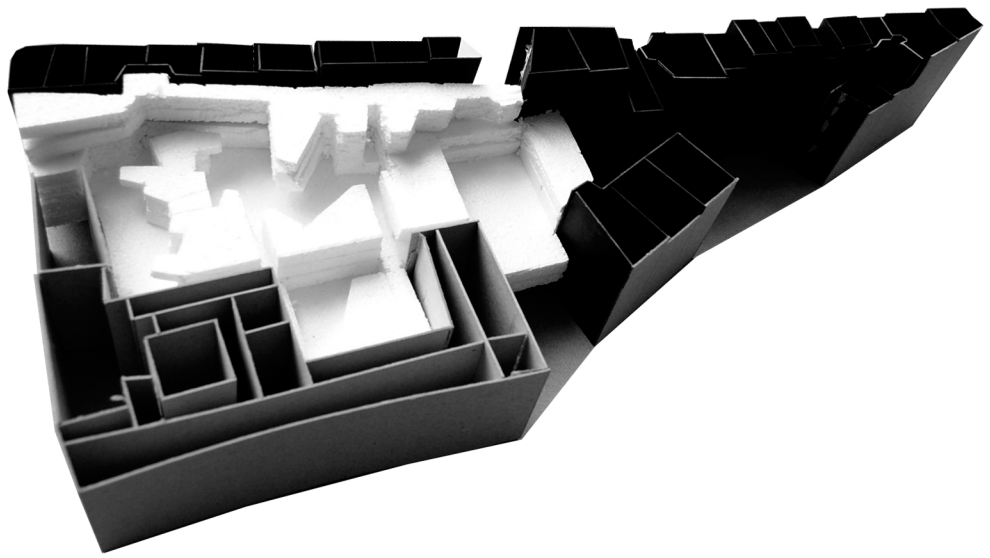


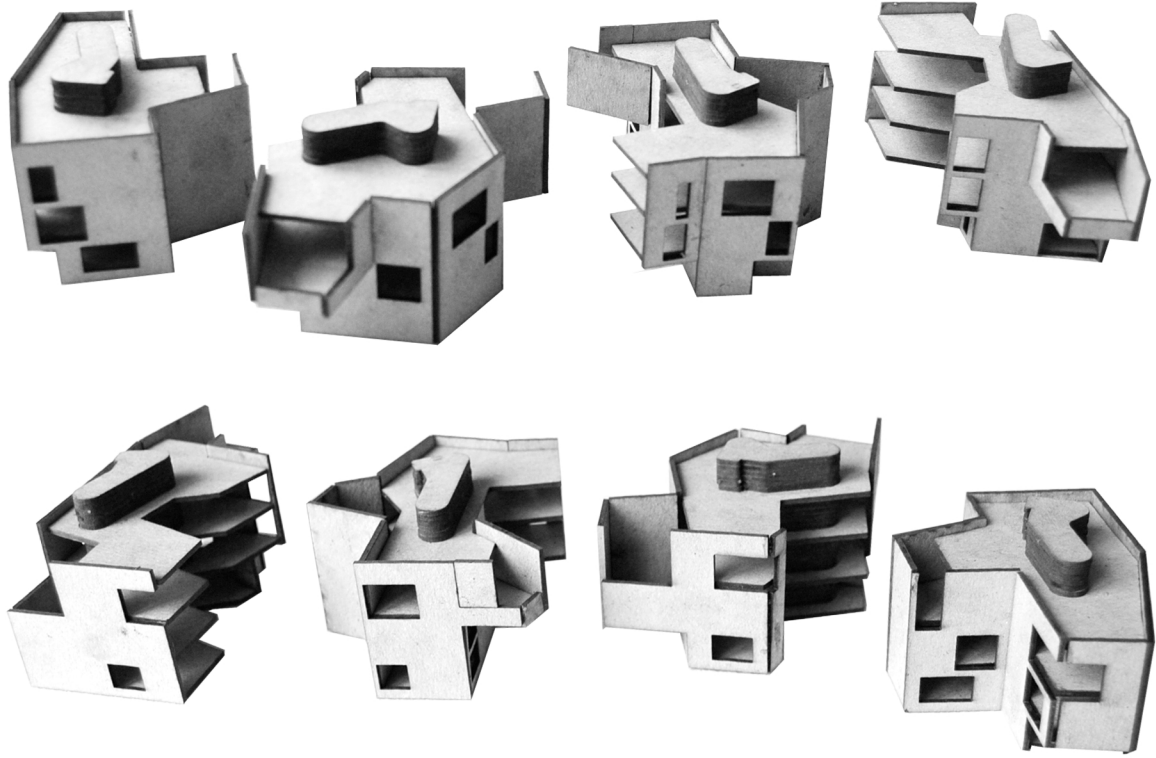


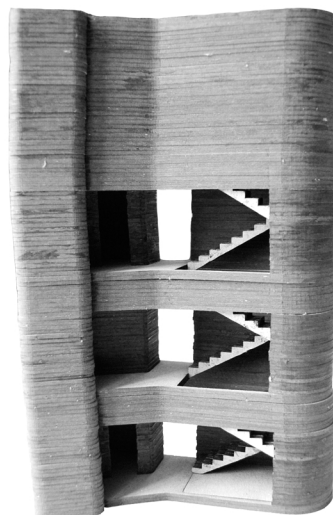
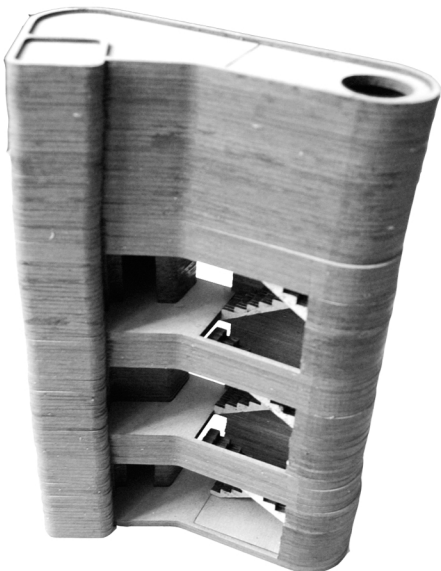
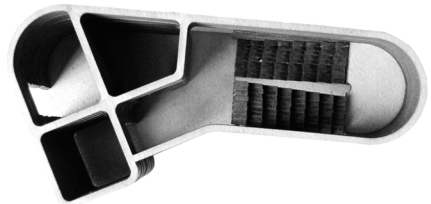
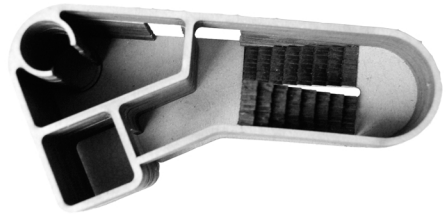
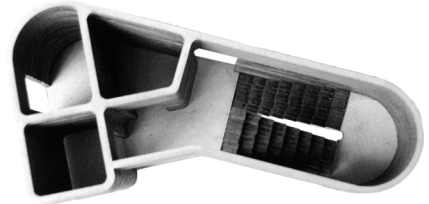
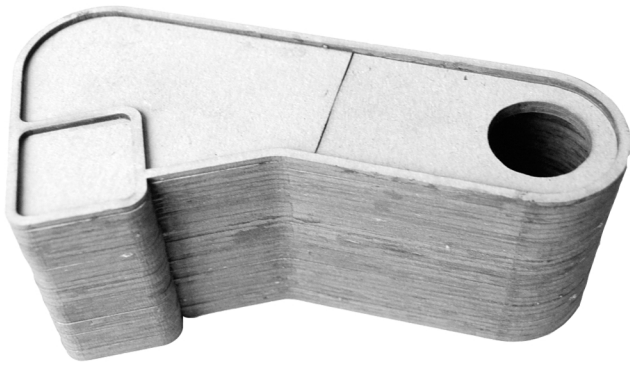


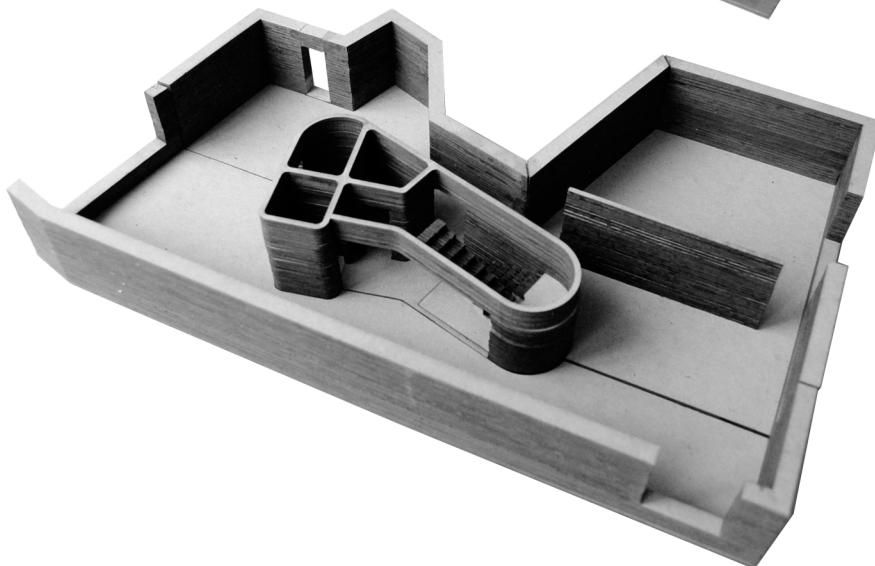
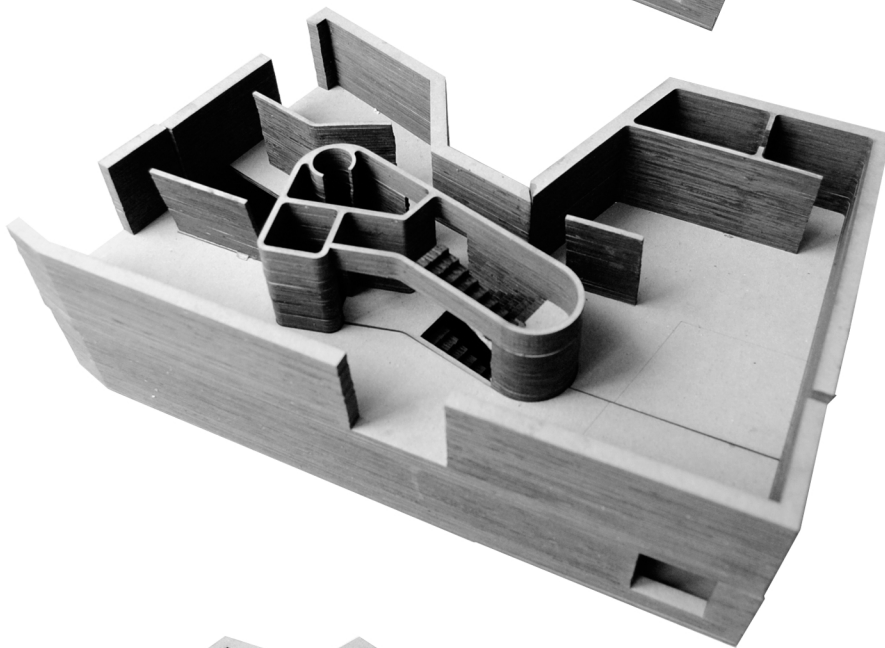
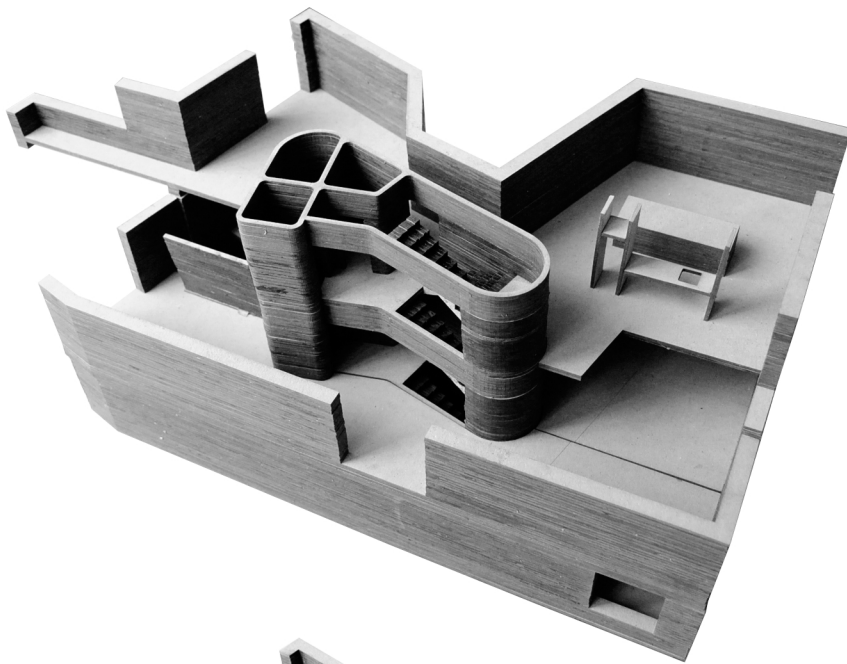


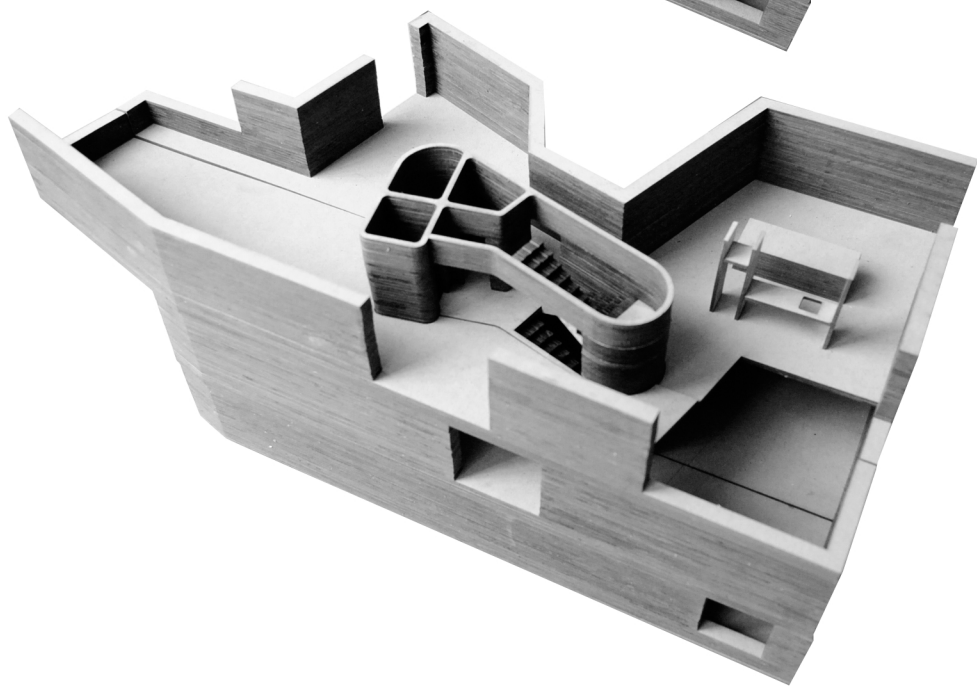
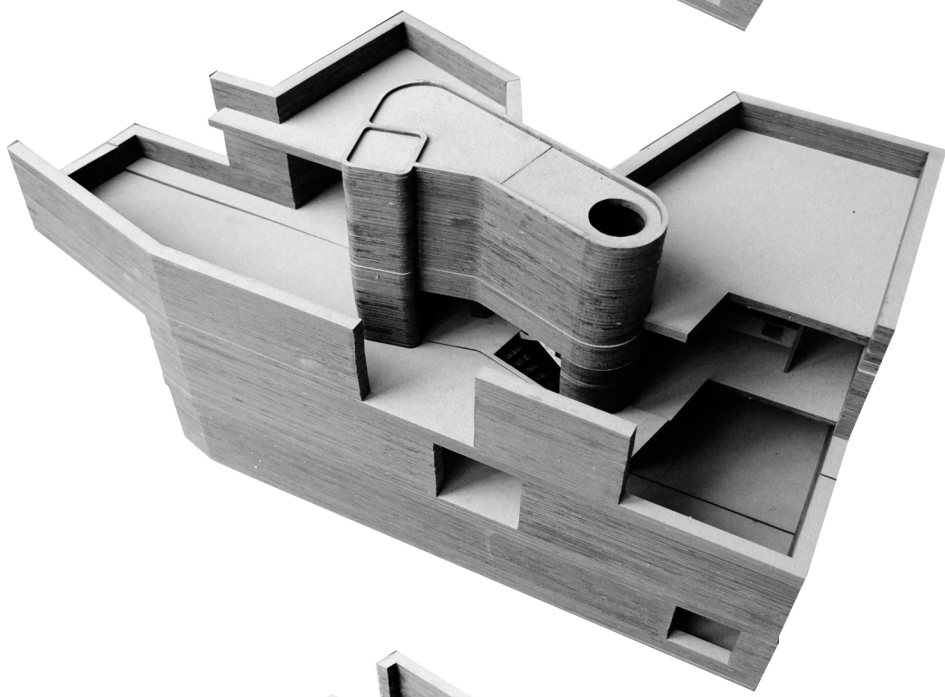
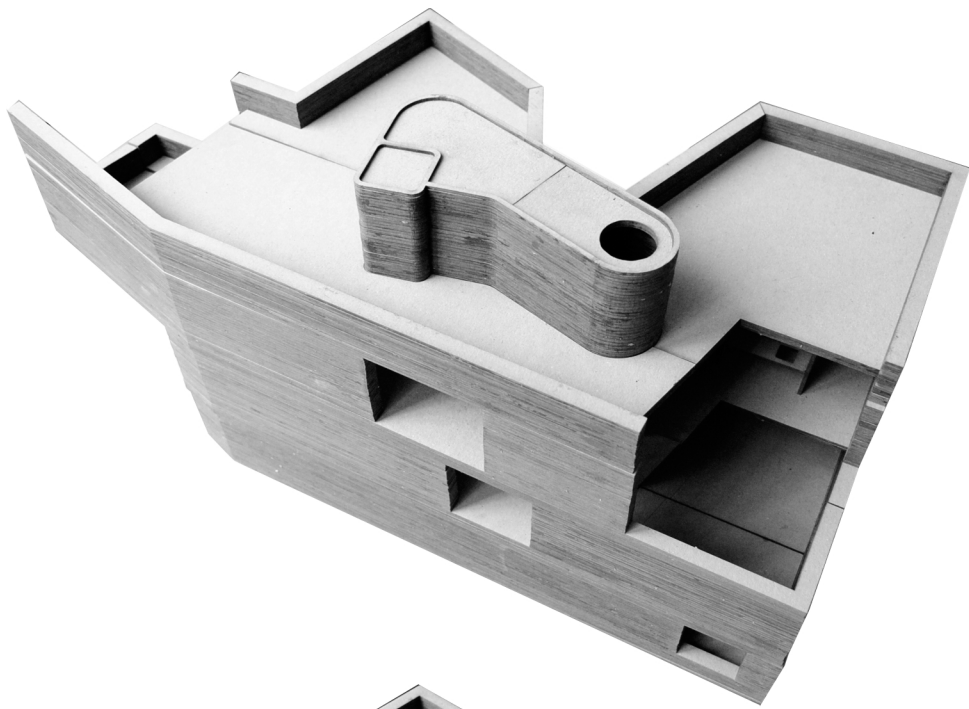


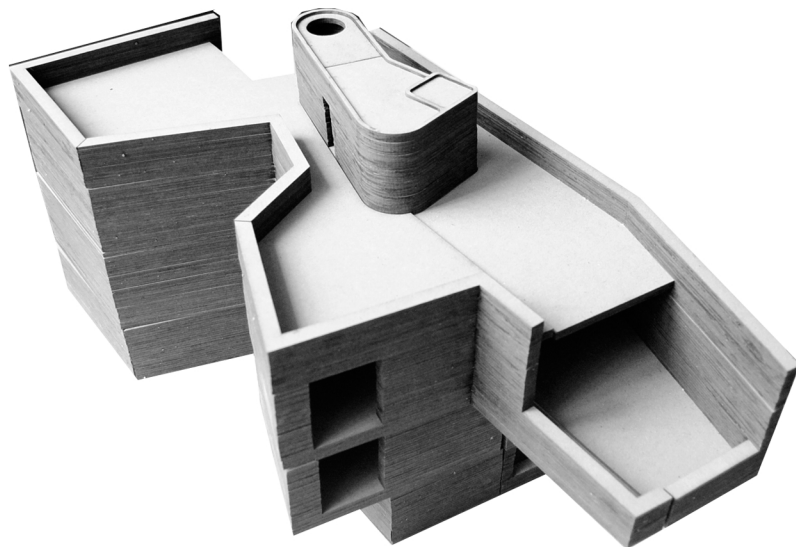
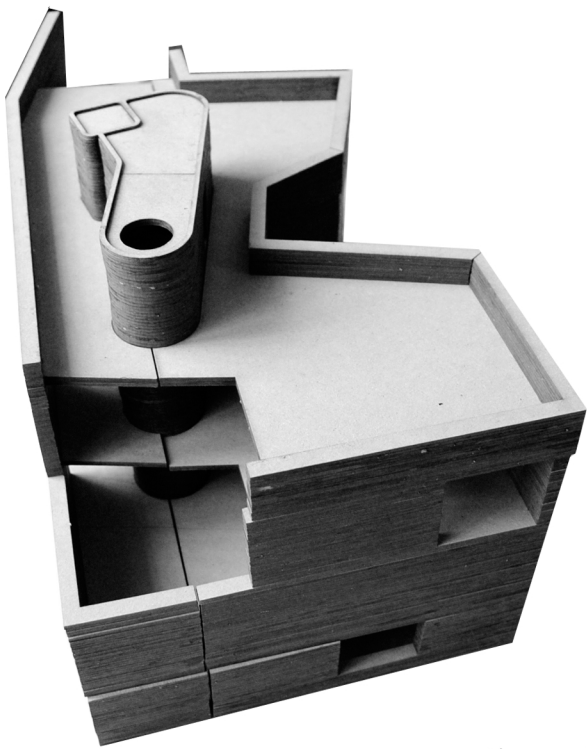












DESENHOS PROVISÓRIOS